LIVRO DAS DONAS E DONZELLAS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
S. PAULO BELLO HORIZONTE

LIVRO

DAS

DONAS E DONZELLAS

OBRAS DA MESMA AUCTORA

Traços e Illuminuras, contos.

A Familia Medeiros, romance.

A Viuva Simões, romance.

Memorias de Martha, novella.

Livro das Noivas.

A Fallencia, romance.

Historias da nossa Terra, contos para creanças.

Ancia Eterna, contos.

A Intrusa, romance.

De collaboração :

Contos Infantis, com Adelina Lopes Vieira.

A Casa Verde, romance, com Filinto de Almeida.

Paris. — Typ. Aillaud & C.ª

JULIA LOPES DE ALMEIDA

LIVRO

DAS

DONAS E DONZELLAS

DESENHOS DE **Jeanne MAHIEU**

FRANCISCO ALVES & C.a

RIO DE JANEIRO — 134, RUA DO OUVIDOR, 134

RUA DA BAHIA
BELLO HORISONTE (MINAS)

RUA DE S. BENTO, 45
SÃO PAULO

1906

PRIMEIRA PARTE

MINHAS AMIGAS!

Mez das cigarras e das flôres de flamboyant, *como diria Fradique Mendes se tivesse de datar em Dezembro uma carta no Rio de Janeiro. Prescindo, como elle, da enumeração do dia. Datas são algarismos sem forças para fazer sentir o violento azul do nosso céo, nem os ramalhões purpurinos das nossas arvores, nem este chiar incessante das cigarras entontecidas de luz, annunciando o calor.*

Este lindo mez, em que o anno morre engalanado de côres e de sons, obriga-nos a volver o olhar para o passado, numa inquirição pensativa e saudosa... e logo a querer sondar o futuro impenetravel com a frouxa luz de uma esperança. Nada se descortina bem, visto de longe; e é melhor assim...

O que torna a vida encantadora é o imprevisto; e a prova é que ninguem desejaria recomeçal-a da mesma forma por que a já viveu; nem creio mesmo que, se tal milagre se pudesse cumprir, houvesse alguem, por mais venturosa que lhe houvesse corrido a curta vida, que tivesse coragem de a recomeçar!

Cerre alguem os olhos, pense, siga o curso da sua existencia, e ficará convencido de que só alguns dias lhe mereceram o desejo de serem revividos. Dias? Nada mais que momentos, de inolvidavel doçura...

Para a gente moça o maior encanto da vida está no que ha de vir, no que se ignora; para a que transpõe o cabo dos quarenta, está no presente, que passa ligeiro, ligeiro, como a corrente de um rio caudoloso...

Minhas boas amigas, donas e donzellas, velhas e meninas, perdi o endereço de algumas de vós; outras... rezemos-lhes por alma, estão mortas; de sorte que esta carta, de incerta direcção, pretende ir até ás portas do céo, na ondulação do acaso e da saudade.

Nós, as mulheres, não temos sempre facilidade de bem exprimir os sentimentos por palavras; elles parecem-nos por demais subtis e complexos; ellas insufficientes e fraquissimas. Dizem que ha para todas as coisas expressões precisas, de inquestionavel exactidão; a lingua modula no som, e inalterada, a essencia da mais rara alegria ou do mais terrivel desespero. Mas essa é a interpretação dos fortes; a nossa dilue-se, numa gotta incolor e inodora, que é como um chuvisqueiro em uma rosa, se nasce da alegria; ou, se vem da dôr, como um floco de neve em uma brasa, que apaga a luz e deixa a nú o carvão.

Lembranças de amisade não são como lembranças de amor, que pungem e deliciam; têm outra suavidade, um perfume indistincto, e por isso são mais difficeis de descriminar nas meias tintas do passado; todavia, quanta commoção ellas nos trazem na sua nevoenta apparição!

Minhas amigas de outros tempos, supponde que eu enfeixo as graças e virtudes de vós todas em uma só figura, que podereis chamar de Mocidade, ou de Primavera, como vos aprouver.

Para ser suprema a sua formosura ella terá os teus dôces olhos azues, tão cedo fechados, Elvira; e o teu riso alegre, Maria Laura; e a tua voz, Janan; e a tua bondade adoravel, Marie; e as linhas do teu corpo, Alice; e a doçura da tua tez, Carlota! Terá da negra Josepha, tão triste por não ser branca, a branca innocencia; e de vós todas, com que topei na minha infancia, a garrula alegria e a trefega imaginação.

Não sacudo a uma esphinge o meu lenço saudoso, mas a uma figura tangivel, feita de perfeições e que permanece, immutavel e risonha, no horizonte que me foge.

De algumas de vós não sei, amigas da meninice; outras vieram depois, na edade das confidencias, e ainda hoje eu sinto o calor de sympathias moças que vêm vindo como aves annunciadoras do bom tempo, para me dizerem que floresce ainda na Terra a sagrada planta da amisade.

Entre todas, não sois vós, amigas desconhecidas e minhas leitoras, cujo influxo tantas vezes me alenta, a quem menos se lança o meu pensamento de mulher, num desejo de felicidade perfeita...

*
* *

Nesta noite, uma das ultimas do fim do anno, que de lembranças suaves me esvoaçam pelo espirito!

Crêde, esta carta é um desabafo. Não só vós, minhas queridas, voltejaes na minha memoria, como nas rondas do collegio; ha outros amigos adorados, invisiveis, de poderosa influencia, a que me lanço com significativa gratidão: — os auctores. O primeiro livro lido; as paginas mais vezes relidas; as musicas que melhor interpretei; os versos que me fizeram estremecer ou sonhar; singulares sensibilidades, acordadas por extranhos que amei como

amo o sol que me aquece, ou a flôr que me inebria, — tudo renasce e passa pelo meu pensamento, numa irradiação purissima, de devaneio...

Nestas horas vertiginosas e perturbadoras reconheço todos os meus sonhos e desejos antigos, roçando por mim as suas azas, com tanto arrojo abertas e tão cedo enfraquecidas...

Mas isso que vos importa?

Valerá a pena pensar no tempo que passou, bem ou mal?

O anno em que parte da nossa vida discorreu, acaba? Deixal-o acabar! O outro que vier terá as mesmas quatro estações; o sol inflammará a terra no verão, o vento fará cahir as folhas no outomno, as neves caracterisarão o inverno, e as boninas esmaltarão os campos na primavera...

Assim como o tempo, fuseo ou luminoso, os homens serão máos ou serão bons e a vida fará o seu giro imperturbavel, desfazendo e creando entre declinios e triumphos.

Para o mundo será assim, mas para nós, queridas?

amo o sol que me aquece, ou a flôr que me inebria, — tudo renasce e passa pelo meu pensamento, numa irradiação purissima, de devaneio...

Nestas horas vertiginosas e perturbadoras reconheço todos os meus sonhos e desejos antigos, roçando por mim as suas azas, com tanto arrojo abertas e tão cedo enfraquecidas...

Mas isso que vos importa?

Valerá a pena pensar no tempo que passou, bem ou mal?

O anno em que parte da nossa vida discorreu, acaba? Deixal-o acabar! O outro que vier terá as mesmas quatro estações; o sol inflammará a terra no verão, o vento fará cahir as folhas no outomno, as neves caracterisarão o inverno, e as boninas esmaltarão os campos na primavera...

Assim como o tempo, fuseo ou luminoso, os homens serão máos ou serão bons e a vida fará o seu giro imperturbavel, desfazendo e creando entre declinios e triumphos.

Para o mundo será assim, mas para nós, queridas?

NATAL BRASILEIRO

❦

Neste esphacelar de usos e tradições, poucas pessoas encontram ainda encanto em seguir costumes de avós que se foram ha muito tempo, e de quem as caveiras, lá no fundo das covas, já não guardam nem resquicios de pelle!

A nossa vida agitada precisa de um esforço para relembrar os divertimentos antigos, e não é senão por condescendencia que muita gente faz horas para ir á missa do gallo ou que deixa o espectaculo pela ceia caseira, obrigada a certos pratos que o desuso tornou para muitos paladares simplesmente abominaveis!

Noites quentes, maravilhosas noites de verão, banhadas de luar, impregnadas do aroma da magnolia e do jasmim-manga, convidaes por certo muito mais aos passeios pelos arredores da cidade, ouvindo cigarras e violas de serenatas, do que a fecharmo-nos em uma sala, em frente a um prato de canja fumegante, entre os globos de gaz a toda a luz e uma toalha branca onde a loiçaria brilhe com o seu luzimento de esmalte.

Estas festas são dôces ás mamães, porque chamam para o seu redil as ovelhas soltas por diversos pontos da cidade. Nestes dias, como que se ouvem badaladas de sinos de ouro que, a cada repique, dizem assim:

— Vinde para casa! Vinde para casa! É aqui que vos amam!

E as ovelhas param, escutam, torcem caminho e voltam para o aprisco de onde tinham partido.

A amante que espere, pensam os rapazes; que se estorça de raiva vendo-se preferida. É preciso tambem contentar a mamãe, que sorri acudindo a tudo e a todos com a mesma paciencia de ha trinta annos, quando os filhos eram pequenos e não sabiam de nada na vida que egualasse á sua companhia!

« Boa mamãe! dizem-lhe elles agora, perdoae os nossos desvarios de rapazes! Nós cá estamos no teu regaço, olhando para o teu rosto, beijando as nossas irmãs. »

E a mamãe vae e vem, com os labios risonhos e os

olhos brilhantes. E o sino de ouro da casa, cujas badaladas se ouvem ao longe, mal ella o sabe! é o seu

coração, o seu coração angustiado, pisado de soffrimentos, de duvidas, de saudades, mas que todo se enflora ainda de esperanças, porque é de mãe!

Festas familiares, sois peregrinamente bondosas e clementes para os velhos!

***

Sim, é por condescendencia que muita gente deixa a noitada ao relento pela ceia caseira, em que se comem coisas succulentas, se ouvem valsas marteladas ao piano, ou se conversam assumptos repisados.

Na roça é que estas festas do Natal e do Anno-Bom têm uma côr mais brasileira. Aqui na cidade fazemol-as seguindo os costumes portuguezes. O frio do Natal europeu impelle as familias para o interior das suas casas, para o calor dos fogões e das ceias fumegantes. O nosso Natal é tão diverso! Em vez da neve temos o sol; em vez da ventania aspera, que obriga as pobres creaturas a irem para a egreja envoltas em capotes,

salpicadas de lama e de chuva, temos noites estrelladas, cheirosas, em que moças e rapazes vão á meia noite ouvir a missa do gallo, com trages alegres, sem receiar bronchites, podendo folgar pelos caminhos á luz das estrellas palpitantes e coloridas. Na roça é assim. A creançada come ao ar livre pinhões cozidos e faz a algazarra que lhe apraz. As moças dansam no terreiro com os namorados, e os velhos, sentados sob o alpendre, contam anecdotas, rememoram visitas a presepios antigos, até que o sino os chame e elles partam todos, aos magotes, para a capella tão sua conhecida, tão sua amada!

Se fosse possivel deveriamos inventar festas adequadas ao nosso clima, estabelecel-as, fixal-as, tornal-as nossas.

Os costumes europeus não podem, em absoluto, ser reproduzidos aqui. Ha no Brasil climas mais frios do que em alguns paizes da Europa; no alto Paraná o gelo quebra os galhos das arvores e o aldeão tirita lavrando a terra. Mas de que vale isso, se as estações são trocadas e o nosso Natal desabrocha em pleno verão! O nosso Natal! Bem que elle precisa de outro emblema. O velho de longas barbas brancas, nariz côr de morango maduro, capote espesso lanzudo e gorro de pelles, é filho das terras nevadas, cortadas pelos uivos do vento, tão cruel para os pobres. O nosso Natal é moço, é risonho, é caritativo; abriga os sem vintem, e as creancinhas núas não o temem, porque elle afaga-as com o seu bafo cheiroso e veste-as com a sua luz quente e doirada!

CONVENTOS

A tarde agonisava em reflexos brancos de prata polida, que davam á superficie do mar um tom de aço, espelhento. Num banco do convéz da barca, uma senhora afogada em lãs pretas, de lucto, sussurrava queixas das filhas que a queriam trocar por um convento. Era um desabafo, entre as amigas, que todas se debruçavam para aquella angustia.....

Pelos farrapos dos commentarios percebi que as

donzellas não levariam ao claustro contingente que o exalçasse... Uma d'ellas faria versos mysticos, a outra rezaria ladainhas, sem que das suas genuflexões ou dos seus arroubos viesse beneficio ao mundo.

A mãe não sabia explicar aquelle fervor subito. Suppunha que a mais velha, poetisa, procurasse na religião os ideaes que não via realizados na terra; mas a outra? Debatia-se ante o enigma da outra.

Optaram as amigas por uma paixão. Algum amor mal correspondido.....

Pobre creança, pensava eu de mim para mim, o veu de freira não tem por certo a magia que ella espera... Se o mal de que ella soffre é esse que dizem, leval-o-á comsigo, que para a fatalidade do amor não ha amuletos nem cilicios que valham. O convento excitará no principio a sua phantasia, vinculará a sua saudade, sem lhe trazer a pacificação, a *vida saborosa*, que é o preparo do Paraizo.

Houve tempo em que o convento tinha, com todos os rigores, certos attractivos, como tudo que é forte e que domina. Tempos houve tambem em que elle era menos um logar de reclusão que de galanteio; então bilhetes amorosos e versos dos torneios perpassavam por entre aquellas paredes severas, como revoadas de mariposas tontas; e havia freiras, como a freira Serafina, que, escrevendo a respeito da abbadessa de Santo André, deixava transparecer a convicção de que não é o amor divino, mas o humano, a melhor e a maior preoccupação de toda a gente, tanto de lá de dentro como de cá de fóra. Dizem mesmo chronicas velhas e chronistas modernos que nem sempre os

conventos foram santuarios de castidade. Fossem lá o que fossem, a verdade é que tinham vida propria e o enorme prestigio que facilita e suggere os grandes devotamentos. Depois, a mulher não tinha outros destinos: ou elle ou o casamento. Hoje não é assim; o pulso paterno já não tem o poder de aferrolhar filhas insubmissas, e a poesia, que naquelles tempos o habito pudesse ter, foi substituida no nosso tempo — por uma funebre idéa de mortalha. Hoje os conventos parecem tumulos.

Imagino a melancholia d'esses casarões enormes. Que silencio de corredores, onde as sandalias já não batem de minuto a minuto; que ar de mofo nas cellas sem dono, fechadas ha annos e em que as aranhas tecem irreverentes a rede da sua prole; que abandono nos pateos, onde as fontes choram, sem o consolo de vêr as suas lagrimas suspensas pelas mãos macias de umas freiras bonitas; que aspecto frio o do refeitorio, onde na immensa mesa conventual meia duzia de freiras sorumbaticas trocam receitas de pasteis e benzem distraidamente o pão, e o comem depois sem alegria, a bella alegria, que a tão citada Santa Thereza de Jesus aconselhava ás freiras da sua communidade, a par de trabalho activo, vassouradas, costuras, roupas limpas e polimento de metaes! Essa feição salutar da santa modificou a immundicie do convento, mas não lhe tirou a grandeza austera e a soturnidade doentia.

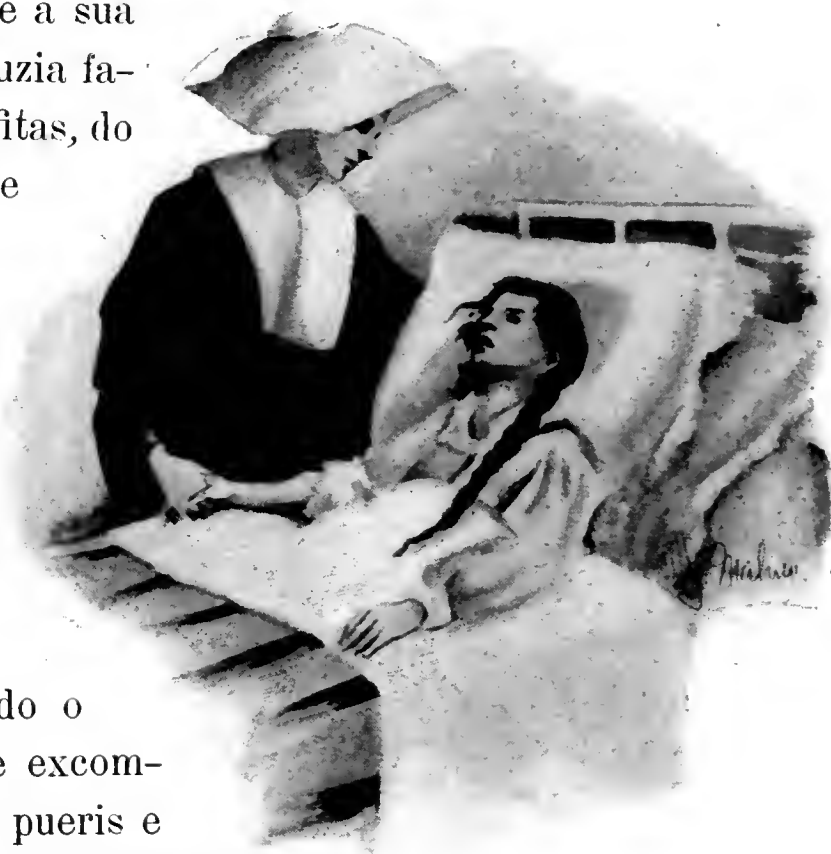
Dirão: os nossos conventos têm uma feição mais modesta e mais acanhada; estão pintadinhos de fresco e assoalhados de novo.

Tanto peior. Não haverá ao menos espaço para uma

evocação. Do lagedo largo e quebrado de um claustro, de onde surja um tufo de verdura; de um nicho abandonado, ou de um pergaminho sujo pelo manusear de mil dedos desconhecidos,

póde nascer uma reflexão, uma curiosidade, um estudo ou um devaneio. Mas uma parede caiada e um pateo semeado de fresco, para as necessidades práticas da vida, que podem suggerir á freira moça?

Talvez saudades da graça, do riso travesso e das confidencias das amigas abandonadas; do espelho do seu quarto, em que a sua imagem se reproduzia faceira e linda; das fitas, do vestido profano; de uma volta de valsa; de um aperto de mão fugitivo; de um olhar, de um pensamento de amor com ou sem peccado, em todo o caso sem medo de excommunhão; de coisas pueris e de coisas divinas, que enfeitam a vida a intervallos, como as papoulas os campos de trigo.

A verdade, sempre repetida, é que quem tem fé melhor serve a Deus nos logares onde por elle se vive ou por elle se morre, que atrás dos grossos ferrolhos de uma portaria. Esses logares, a que a mulher com proveito levará a doçura da sua crença e o ardor do seu sacrificio, são as cidades empestadas, as ruas cheias de mendigos e de creanças; as prisões, as ambulancias, todo o sitio onde ha dôr, fome ou rancores; são a escóla,

onde ensina; a propria familia, que a sua influencia alegra e pacifica; o hospital, onde consola; o pedaço de terra, onde planta a arvore, que dará sombra a quem vier mais tarde e ramos para as ninhadas entoarem hymnos ao Creador.

Podemos ser uteis e ser religiosas sem fugir da sociedade; podemos amar o Senhor, sem desprezar os irmãos, que mais ou menos carecem do nosso amparo, ou da nossa presença.

Este egoismo de esconder as feridas da paixão em logar imperscrutavel ao olhar humano não é digno d'este tempo, em que as almas se desnudam para o combate, porque hoje não ha santos, ha heróes; não ha milagres, ha virtudes.

Os eleitos de Deus são os eleitos da humanidade, somos nós, as mães, que criamos os filhos para a glorificação do mundo; são os homens, que cultivam a terra em paz abençoada, ou morrem por uma idéa generosa.

A religião tem com certeza melhores serviços nos hospitaes, nos pulpitos, nas missões, em todas as suas fórmas de expansão, que nos conventos mudos, abafados pelo rumor que os cerca.....

A irmã de caridade tem ao menos a sublimidade, a abnegação de viver para os outros. Essa é a sua doutrina. A freira para quem vive?

. . . .

A barca atracou á ponte, e a senhora de lucto, puxando para o queixo o véu do toucado, sahiu, levando comsigo o mysterio d'aquelle romance apenas entrevisto.....

O VESTUARIO FEMININO

É uma exquisitice muito commum entre senhoras intellectuaes, envergarem paletot, collete e collarinho de homem, ao apresentarem-se em publico, procurando confundir-se, no aspecto physico, com os homens, como se lhes não bastassem as approximações egualitarias do espirito.

Esse desdem da mulher pela mulher faz pensar que: ou as doutoras julgam, como os homens, que a mentalidade da mulher é inferior, e que, sendo ellas excepção

da grande regra, pertencem mais ao sexo forte, do que ao nosso, fragilimo; ou que isso revela apenas pretenção de despretenção.

Seja o que fôr, nem a moral nem a esthetica ganham nada com isso. Ao contrario; se uma mulher triumpha da má vontade dos homens e das leis, dos preconceitos do meio e da raça, todas as vezes que fòr chamada ao seu posto de trabalho, com tanta dôr, tanta esperança, e tanto susto adquirido, deve ufanar-se em apresentar-se como mulher. Seria isso um desafio?

Não; naturalissimo pareceria a toda a gente que uma mulher se apresentasse em publico como todas as outras.

Basta vêr um jornal feminista para toparmos logo com muitos retratos de mulheres celebres, cujos paletots, colletes e collarinhos de homem, parece quererem mostrar ao mundo que está alli dentro um caracter viril e um espirito de atrevidos impulsos. Cabellos sacrificados á tesoura, lapelas (sem flôr!) de casacos escuros, saias esguias e murchas, afeiam corpos que a natureza talhou para os altos destinos da graça e da belleza.

Os collarinhos engommados, as camisas de peito chato, dão ás mulheres uma linha pouco sinuosa, e contrafeita, porque é disfarçada.

Medicas, engenheiras, advogadas, pharmaceuticas, escriptoras, pintoras, etc., por amarem e se devotarem ás sciencias e ás artes, porque hão de desdenhar em absoluto a elegancia feminina e procurar nos figurinos dos homens a expressão da sua individualidade?

Ha certas mulheres, precisamos convir, que têm desculpa na adopção dos murchos trages masculinos,

porque para ellas isso não representa uma questão de esthetica, mas de incontestavel necessidade — as exploradoras, por exemplo.

A essas, as saias impediriam as passadas e os

saltos, no labyrintho enredado dos cipoaes, entre todos os obstaculos das florestas erriçadas de espinhos e cortadas de vallos a transpôr.

As calças grossas e as altas polainas são para ellas,

portanto, não objecto de phantasia, mas de commodidade e salvamento. O panno fluctuante do vestido prendel-as-ia de instante a instante aos troncos e ás arestas do caminho, e, quando molhado, pesar-lhes-ia no corpo como chumbo.

Por exigencias de commodidade no trabalho, tambem esculptoras e pintoras se sujeitam muitas vezes a vestirem-se assim e só quando executam obras de grandes dimensões. As calças facilitam então as subidas e as descidas de andaimes e de escadas.

Rosa Bonheur, conta-nos um seu biographo, surprehendida no *atelier* pela noticia de que a imperatriz Eugenia entrava em sua casa para offerecer-lhe a Legião de Honra, — viu-se atrapalhada para enfiar á pressa os trages do seu sexo e poder receber respeitosamente a soberana.

Só de portas a dentro ella abusava d'essas entradas por seara alheia, para usar com liberdade de todos os seus movimentos; mas desde que a artista era procurada por extranhos, ella apparecia como mulher.

Nas cidades, sobre o asphalto das ruas ou o saibro das alamedas, não sabe a gente verdadeiramente para que razão appelar, quando vê, cingidas a corpos femininos, essas *toilettes* hibridas, compostas de saias de mulher, colletes e paletots de homem... Nem tampouco é facil de perceber o motivo por que, em vez da fita macia, preferem essas senhoras especar o pescoço num collarinho lustrado a ferro, e duro como um papelão!

A ARTE DE ENVELHECER

Não somos só nós, minhas amigas, que vemos com terror brilhar por entre as nossa madeixas castanhas, louras ou pretas, o primeiro fio de cabello branco. As dolorosas apprehensões d'esse momento eram-nos só attribuidas a nós, como se não nasceramos senão para a mocidade e o amor.

O homem, envergonhado, e com receio de se confessar vaidoso, sem perceber talvez que a primeira denuncia da velhice tem para nós amarguras mais subtis que a do simples medo de ficarmos mais feias, teve sempre para a nossa decepção um sorriso de inclemente ironia...

Poetas e contistas, valham-nos elles, e que Deus

lhes prolongue a raça! engrinaldaram de rimas e periodos suaves a dôr d'esse momento sagrado, em que as nossas esperanças fecham as azas, repentinamente murchas, e a luz dos nossos sonhos esmorece...

Mas se elles adivinharam a delicadeza do nosso sentimento, não nos contaram a especie do seu, ao vêr a luz pallida e fina de um fio prateado colleando por entre as ondas negras da cabelleira, ou as pontas castanhas do bigode.

Pensavamos que os primeiros signaes outoniços, que são para as mulheres os mais terriveis, não os alarmassem a elles, sempre embebidos em tão grandes ideaes, que nem tivessem vagar para perceber a ruina do proprio corpo. Enganamo-nos; o homem é tambem sensivel como nós ás apprehensões que a vista do primeiro cabello branco suggere...

Um fio de cabello, nada ha mais fragil, nem mais quebradiço, nem mais leve, e entretanto vè-se que mundo de sensações elle prende e arrasta! Até aqui, eram só as nossas, suppunhamos, mas agora sabemos que são as de toda a gente!

Tenho deante dos olhos uma pagina de homem — *A arte de envelhecer* — que se me affigura ter sido escripta deante de um espelho perfido. Essa pagina suave e bem feita analysa essa hora delicada e de difficil interpretação, em que ha em todos o mesmo estremecimento de susto, e o mesmo estender de mãos para agarrar o que passou e que não voltará jámais — a mocidade.

A mocidade! aos quarenta annos ainda a sentimos perto, aspiramos-lhe o aroma, como que lhe sentimos

o halito quente; já ella nos deixou, já ella se foi embora, e todavia recrudesce em nós, mulheres, toda a alacridade vivaz da sua exuberancia; ha mais calor no nosso peito, mais ardor na nossa paixão, mais firmeza na nossa vontade. É nesse instante de supremo gaudio que um insignificante fio de cabello branco nos vem lembrar que o bem que gosamos, tão conscientemente como o gosaramos até então com indifferença... ha de acabar!

Suppuz, não sei porque, á força de ouvir dizer, talvez, que essa hora para os homens chegasse mais tarde. Vejo que não. Sempre é consolador ter bons companheiros na desgraça...

Na arte de envelhecer, thema delicioso e que o auctor poderia desenvolver em um volume grosso, ha uma pincelada geitosa e leve na referencia á maneira por que sabemos disfarçar os estragos impiedosos do tempo... O que as palavras não dizem, mas a insinuação aponta, é que esse meio é o *maquillage*, o artificio, o auxilio das côres sabiamente combinadas, a discreção dos véos e o effeito artistico do penteado...

Saber compôr a physionomia, dar-lhe apparencia agradavel, tornal-a bonita quanto possivel, é a mais commum das preoccupações femininas, para que não a confessemos.

Todavia, ha uma revelação a fazer: é que raramente se põe aqui ao serviço d'esse cuidado o uso das tintas, das pomadas e dos vernizes.

A não ser a ingleza, protegida por um clima que lhe avelluda a tez, não conheço mulher que menos recorra aos embustes do toucador que a brasileira.

O pó de arroz, contra o qual antigamente alguns paes de familia se insurgiam, é o unico auxilio de que lançamos mão, mais ainda como um complemento de *toilette*, que o uso torna indispensavel, que mesmo como um elemento de garridice.

O pó de arroz não só attenúa o luzidio da pelle, afogueada por uma temperatura quasi sempre alta, como tambem suavisa, refresca e aromatisa.

Positivamente, elle foi adoptado por isto: não só embelleza como sabe bem.

De tal maneira isto é certo, que ninguem o occulta, como a um factor mysterioso de formosura, que se quizesse guardar incognito; ao contrario, damos-lhe caixas vistosas de crystal lapidado, onde a luz incide em refracções irisadas.

A velhice material, grosseira, ainda não mereceu da maior e melhor parte das mulheres brasileiras o sacrificio inutil da mascara confeccionada em sessões longas, com pincelinhos, camurças, oleos, tintas e esmaltes.

Mas *A arte de envelhecer* não teve por objectivo a arte de não parecer velho; mas sim de padecer com resignada calma as gradações da mudança. Isso de-

pende, além da vontade, das circumstancias de cada um...

A felicidade está em envelhecer sem arte, com outras preoccupações mais elevadas e menos egoistas...

Desde os primeiros annos de escóla que os mestres se esforçam por fazer comprehender ás creanças que a belleza, sendo transitoria, menos vale do que a bondade, e que

> On ne sait plus que devenir
> Lorsque l'on n'a su qu'être belle

O esforço para a perfeição material é sempre improficuo, e o para o aperfeiçoamento moral sempre bem coroado.

A arte de envelhecer é a de exercitar a alma nas dôces práticas do beneficio e saber derramar em torno a si, até á ultima hora de consciencia, a sombra que allivia ou o calor que reanima...

A MULHER BRASILEIRA

O EUROPEU tem a respeito da mulher brasileira uma noção falsissima. Para elle nós só nascemos para o amor e a idolatria dos homens, sendo para tudo mais o prototypo da nullidade.

Dir-se-ia que a existencia para nós deslisa como um rio de rosas sem espinhos e que recebemos do céo o dom esculptural da formosura, que impõe a adoração... Nem uma nem outra coisa. Nem a mulher brasileira é bonita, se não nos curtos annos da primeira mocidade, nem tão pouco a sociedade lhe alcatifa a vida de facilidades. Ella é exactamente digna de observação elogiosa pelo seu caracter independente, pela presteza

com que se submette aos sacrificios, a bem dos seus, e pela sua virtude. A brasileira não se contenta com o ser amada: ama; não se resigna a ser inutil: age, vibrando á felicidade ou á dôr, sem offender os tristes com a sua alegria e sabendo subjugar o soffrimento. Parecerá por isso indifferente ou socegada, a quem não a conhecer senão pelas exterioridades. Mas não tivesse ella capacidade para a lucta e ainda as portas das academias não se lhe teriam aberto, nem teria conseguido leccionar em collegios superiores. A esses logares de responsabilidade ninguem vae por phantasia nem chega sem sacrificios e coragem. Apezar da antipathia do homem pela mulher intellectual, que elle agríde e ridicularisa, a brasileira de hoje procura enriquecer a sua intelligencia frequentando cursos que lhe illustrem o espirito e lhe proporcionem um escudo para a vida, tão sujeita a mutabilidades....

Se o seu temperamento é calido e voluptuoso, a sua indole é honesta e activa e o seu pensamento despido de preconceitos.

Se uma mulher brasileira, (se ha excepções? ha-as de certo!) cae de uma posição ornamental em outra humilde, é de rosto descoberto que ella procura trabalho; então vae ser costureira, mestra, typographa, telegraphista, aia, qualquer coisa, conforme a educação recebida, ou o ambiente em que vive...

Nessas acções, não ha simplicidade, — ha stoicismo e uma comprehensão perfeita da vida moderna: que é a guerra das competencias. A brasileira vive ociosa; é uma phrase injusta e que anda a correr mundo, infelizmente sem protesto. Porque?

Toda a gente sabe que no Brasil só não amammenta os filhos a mulher doente, aquella que não tem leite ou que o sabe prejudicial em vez de benefico!

Ricas ou pobres, as mães só têm uma aspiração: — aleitar, criar os seus filhos! Este exemplo devia ser citado, porque, á proporção que esta virtude se accentua

entre nós, parece que nos paizes mais civilisados vae-se tornando escassa!

A mulher brasileira ama com mais intensidade, talvez; dedica-se toda, sem medo de estragar a sua belleza, ás commoções da vida. Alli vemos as pobres mulheres dos soldados, seguindo-os á guerra, acompanhando-os nas batalhas, matando quem os fere, ferindo quem os ameaça, erguendo-lhes das mãos moribundas a espingarda com que os vingam!

Estas energias não são filhas do acaso, vêm-nos da mistura de sangues com que fomos geradas, vêm-nos d'esta natureza portentosa e que por toda a parte nos ensina que a vida é uma grande fonte que não deve seccar inutilmente!

*
* *

Nos paizes tropicaes a precocidade é tamanha que a existencia da menina passa como um sopro e começam bem cedo as responsabilidades da mulher. Por vezes o assalto é tão repentino que não ha tempo de preparar na creança o espirito da donzella. Namorada de si mesma, no deslumbramento da mocidade, ella affigura-se-nos então frivola e perigosa. Receia a gente pelo futuro da pobre creança, estonteada pela vida como uma mariposa pela luz. Quanto mais melindrosa é essa quadra, quanto mais vagares tem a imaginação, alvoroçada pelos sentidos, de architectar castellos mentirosos! Felizes as donzellas pobres, obrigadas pelas circumstancias apertadas da vida a empregar a sua intelligencia e a sua actividade no trabalho e no estudo! São as mocinhas que, para irem ás aulas que frequentám, engomam as suas saias ou cosem as suas blusas, as mais habilitadas para a resistencia das paixões ruins. Decididamente, o trabalho é o melhor saneador de almas! E nós precisamos da nossa muito sã, porque só a virtude da mulher póde salvar os homens, seus filhos e seus irmãos, no descalabro das sociedades arruinadas ou em deliquescencia... A nossa força está na nossa bondade e no nosso criterio, coisas que, quando não são naturaes, fazem-se pela vontade.

Nós, as brasileiras, perdemo-nos pelo excesso de sentimento. Ainda não aprendemos a dominar o nosso coração, que se dá em demasia, sem colher por isso grandes resultados...

O europeu, tractado com rigor pela mãe, não tem por ella menos respeito (talvez tenha mais !) nem menos carinhos que os nossos filhos têm por nós... que nos desfazemos por elles em sacrificios e ternuras ! Parece que a blandicie perenne enfraquece a alma do individuo, tornando-o um pouco indifferente...

***

Ha muito quem affirme que no Brasil a mulher domina como soberana ; e já um escriptor portuguez disse d'ella, relatando as suas observações em um livro de viagem :

« ... A mulher deve ser, entre esta raça, superior a todas as coisas. Vêl-a passar na rua e comprehender a commoção que ella causa é ter reconhecido todo o alcance do seu prestigio. Inspira devoção, tem um culto. Não é a mulher companheira do homem, sua irmã de trabalhos e de penas ; é a mulher idolo, a mulher sacrario. Mãe, filha, esposa ou cortezã, ella será neste paiz e para este povo a suprema instigadora, e a sua vontade, como o seu capricho, terão o cunho authentico de leis, assim no lar como nas alcovas. Será ella quem predomine e da sua boa ou má influencia dependerá, talvez, o destino historico d'esta nacionalidade. »

É possivel que assim seja de futuro, visto que a brasileira de hoje tem mais ampla noção da vida ; a licção do passado, porém, desgraçadamente, é outra.

A verdade, que deve apparecer aqui, é que nos acontecimentos culminantes da nossa historia, aquelles que nos fastos da nacionalidade brasileira iniciam periodos de renovação e de progresso — a independencia, a abolição, a republica — a intervenção da mulher, directa ou indirectamente considerada, quando não foi nulla foi hostil.

Entretanto, estes factos, para só fallar dos principaes, tiveram todos longa, persistente, tenacissima propaganda, e realizaram-se sem a mulher ou... apezar da mulher!

A sinceridade d'este livro, exige este desabafo doloroso. .

CARTA

« Minha querida.

ESCREVO-TE á noite, com a minha vaidade de dona de casa completamente satisfeita. Vou dizer-te por quê.

Ha tempos, entre as minhas phantasias de *menagère* figurou a de mandar fazer um *chemin de table* de arame, que eu cobriria de flôres naturaes para a minha mesa de jantar. Ideada a historia, fez-se o desenho, e no dia seguinte atirei-me para a Casa Flora, a indagar se aquillo seria coisa de facil execução.

Não era; o dono da loja mesmo louvou a idéa, mas duvidou do exito. Lá deixei o meu desenho e voltei des-

consolada. Passadas algumas semanas, quando eu já nem me lembrava de ter pensado um dia num *chemin de table* de arame, eis que elle me entrou pela porta a dentro. Era tal e qual um esqueleto, bem descarnado e extravagante. Franziu-me a bôca o classico muxoxo da decepção. Senhor! como é facil á gente imaginar coisas bonitas, mas como é difficil executal-as! Não valerá muito mais deixal-as para sempre em sonho? Sim, mais valeria; mas, já agora, seria preciso cobrir aquella nudez fria, cinzenta e desenxabida do arame, todo contorcido em voltas e reviravoltas, e disfarçal-a sob um delicado manto de avencas e de jasmins.

Pois nem jasmins nem avencas. Só encontrei nessa tarde hastes de hera e de sylvina, cujo verde sombrio alegrei a espaços com rosas e margaridas. O effeito não era positivamente encantador; registrei mais uma desillusão na vida, e no dia seguinte mandei atirar com a causa d'ella para o fundo do quarto das malas e baduláques.

Pendurado rente á parede, mais o desgraçado me fazia lembrar, de novo despido da folhagem, a ossada de um peixe enorme e exquisitissimo.

C'est de l'art nouveau! Tinha-me dito o dono da Casa Flora, ao observar o desenho que eu lhe levara, com um ar de lisonjeiro agrado. Pois sim! estava fresco o novo estylo! Naquelle erriçamento das duras folhas de hera ficara tão bem disfarçado que ninguem o percebera, e um amigo mesmo zombara, com a sua fina graça, do meu amor ás novidades e do meu gosto pelas invenções...

Pois, minha adorada, fiquei com pena de que oito

dias depois esse senhor não tivesse voltado a jantar commigo, não já só pelo prazer que a sua companhia me proporcionaria, como porque, d'essa vez, o meu invento não fez triste figura, antes pelo contrario...

E por ter dado á minha mesa modesta um encanto singular, determinei revelar-te a maneira porque, querendo, te poderás servir com segurança d'essa especie de adorno.

Por ser teimosa, e não desistir, logo á primeira difficuldade, das intenções que tenho, mandei arriar da parede o tal apparelho de arame (que deve ser feito segundo o gosto da dona da casa e o tamanho da mesa) e com paciencia (que é de todas as obrigações que me imponho a mais terrivel de cumprir) comecei a cobrir o arame do *chemin de table* com uma flôr delicada, cujas petalas de seda e de arminho parece terem-se reunido por um sopro de brisa. Esta florinha tem o nome harmonioso de — *Rodanthe.*

Umas são brancas, de uma brancura pallida de edelweiss, e outras de um roseo desmaiado e dôce.

Victoria! vestido por ellas, o desengraçadissimo *chemin de table,* desenhou sobre a toalha, em finas hastes ondeadas, uma renda de flôres delicadissima.

Para dar-lhe mais vida e quebrar-lhe a uniformidade, colloquei, em uma volta da moldura, á cabeceira, um ramo leve de orchideas sulferinas e de, á falta de crysanthemos, margaridas côr de ouro. Flôres sem aroma, como convém para a mesa. O effeito d'essa ornamentação pareceu-me lindo, e é por isso que t'o communico; encantador, e foi por isso que o aproveitei para assumpto d'esta pagina.... domestica. O egoismo tem a

sua razão de ser em outra ordem de sentimentos; nestas pequeninas vaidades de *menagère* parece-me, além de máo, soberanamente tolo.

O meu interesse, por exemplo, não é tornar a minha pobre casa melhor que a do meu visinho, que é rico e que tem bom gosto; mas sim tornal-a tão boa quanto está nas minhas posses fazel-o. Assim, quando nesse esforço consigo alguma coisa que corresponda ou ultra-passe a minha espectativa, apresso-me em communical-a ás amigas, para seu regalo e seu uso.

« Não é o temor do inferno o que me ha de levar ao céo » — disse o padre Antonio Vieira em uma das suas cartas, não me lembra agora a quem.

Eu affirmo o mesmo, deixando á tua perspicacia adivinhar em que se funda a minha esperança de goso eterno.

Outra que bem merecerá a bemaventurança, és tu, pelas receitinhas de bôlos que me mandáste...

Um observador maligno disse-me um dia que quem prestar o ouvido ao cochichar de duas brasileiras ouvirá fallar de amor ou de receitas culinarias!

O dito não me incommodou, e fiz-lhe mesmo notar que ainda é por amor que tamanha attenção prestamos á mesa.

Não me lembra quem disse que um homem tudo perdoa, menos um máo jantar!

E repara que os homens são muito mais exigentes do que nós. Fico tonta...

Variar! variar é bom de dizer. Ha cerca de uns tres dias appeteceu-me comer perdiz. A minha cozinheira sacudiu a sua molleza por essas ruas e voltou para casa como sahira: com as mãos a abanar. Nenhuma perdizinha para a minha salvação. Disse-lhe eu então que me enganasse com uma galinhola, o que ella fez assás regularmente, mas que eu mastiguei com tão pouca convicção, que me não soube ao que pretendia!

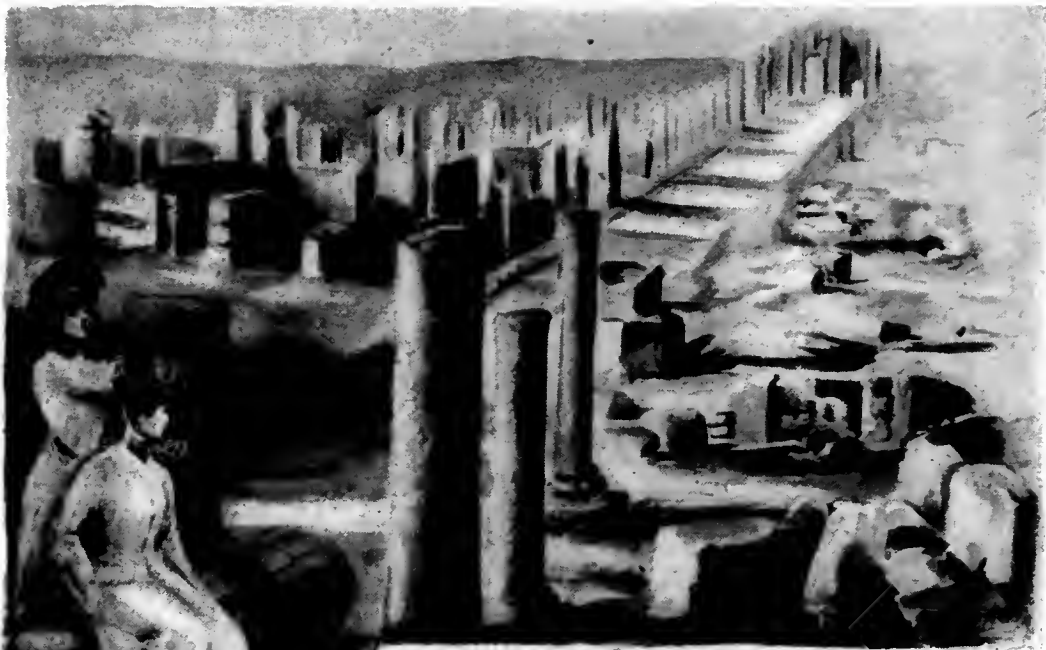
Por estar enfronhada nestes embaraços domesticos é que me rejubilo sempre que topo com uma novidade util, e logo me expando em descrevel-a ás outras. Ha ainda um motivo para esta tagarelice: é ter um pretexto de te fallar em flôres.

Estas taes *rodanthes*, pequeninas e sedosas, são tão leves e de tão bom auxilio para qualquer especie de ornamento, que devemos saudar o seu apparecimento no Rio com algumas palavras de sympathia. Não saudámos tambem a *crysanthème* e o *muguet?* Esta agora, pela sonoridade do nome, parece resuscitada dos famosos tempos da cavallaria. Deveria ser de *rodanthes* o ramo offerecido por D. Quixote á sua Dulcinéa.

Exactamente no momento em que escrevo, sorri na minha mesa de trabalho um galho vermelho de umas flôres do matto, cujo nome ainda ignoro. É tal qual uma haste de coral, onde uma legião de avezinhas minusculas, de um vermelho ainda mais intenso, tivessem pousado com as azinhas de velludo suspensas para o vôo.

Que divinas surprezas nos reservam as nossas florestas, tão pouco exploradas na curiosidade da flôr! Entretanto, nossas ou extrangeiras (filha, flôr não tem patria!) aclimemol-as aqui com o maior carinho. Olha, um dia d'estes, um amigo do Pará affirmou-nos ter obtido no seu jardim, em Belem, camelias perfeitas, de uma alvura azulada. Não será mais milagrosa essa maravilha, uma flôr do frio desabrochando, impassivel, numa atmosphera de fogo?

Adeus, querida!

Tua, JULIETTA.

A AGUA

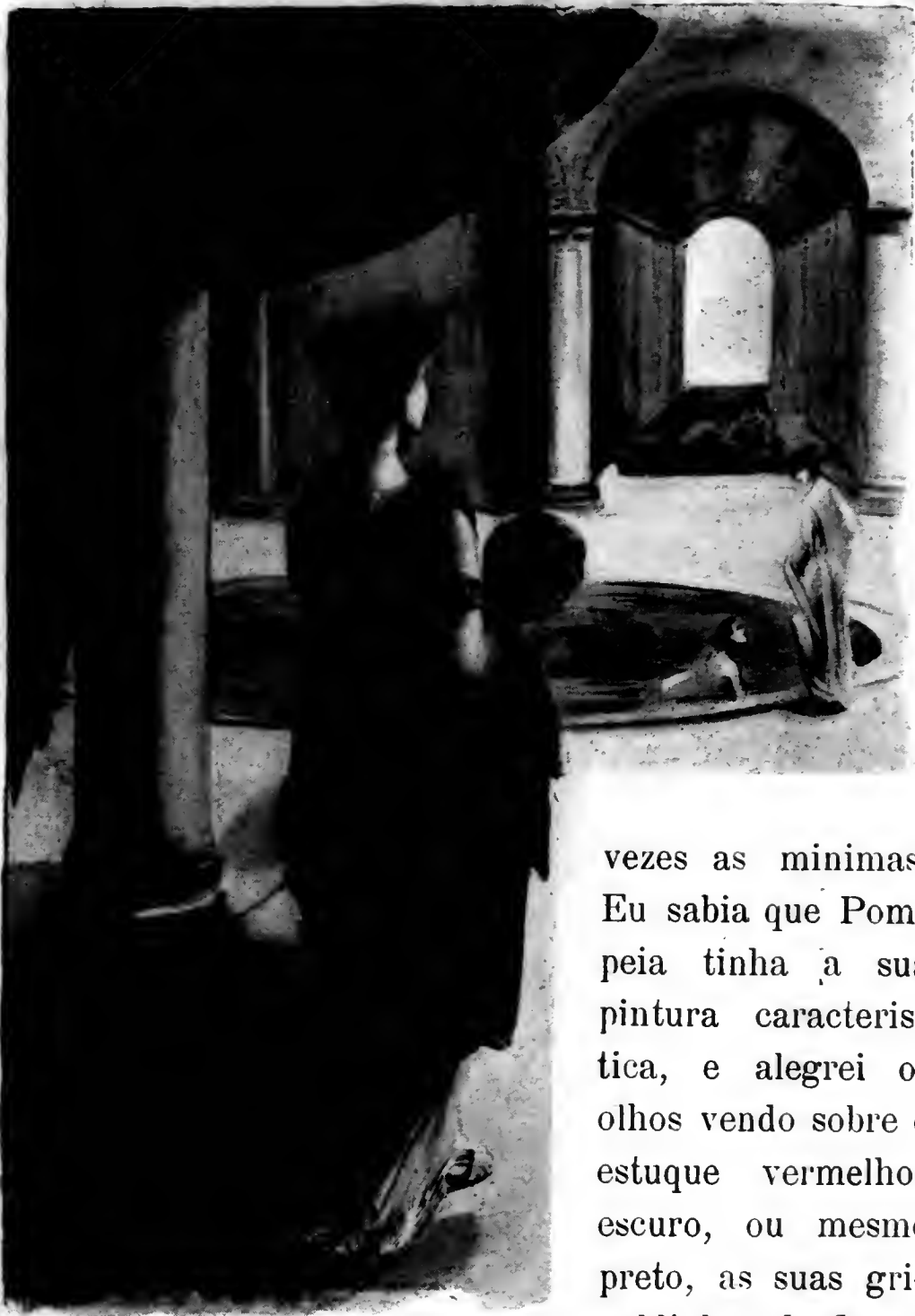
Sem pello, sem escamas e sem pennas, somos os animaes mais bem fadados para a volupia da agua. Ella, que no baptismo nos lava do peccado original, é a primeira condição da vida. Fria ou quente, enrijandonos a carne ou quebrantando-nos os nervos, é sempre a ella que devemos o melhor dos regalos — a limpeza.

Diz-nos a historia que os povos da edade-média fugiam da agua como o diabo da cruz, e que, entretanto, outros mais recuados tinham banheiras de porphyro e

thermas deslumbrantes, onde iam deleitar o corpo cansado do pó e do ar.

As bellas ruinas de Pompeia assim o attestam.

Já tive a ventura de errar os meus leves passos de mulher distrahida pelos templos de Isis, de Jupiter e de Venus, de calcar as grandes pedras deseguaes das estreitissimas ruas da cidade morta, desolada, triste, eloquente na sua mudez de tumulo! E a cada caminhada por entre casas de oradores, poetas e philosophos, cujos nomes retinem ainda hoje como campanulas de ouro nos carunchosos e carcomidos monumentos da historia; a cada passada sobre os mosaicos ou por entre as columnas de marmore do *Forum*, da Basilica, do theatro e dos templos, que de mysteriosos segredos de extinctas grandezas e serenissima fé meus olhos descortinavam! Dentro d'aquelle cemiterio, que mais parece uma legenda viva, ao dobrar uma esquina ou ao penetrar no *atrium* de uma casa luxuosa, eu esperava, de instante a instante, vêr extendida para mim, cavalheirosamente, a mão patricia de um pompeiano illustre: riso nos labios, tunica roçagante, fallas amaveis com rythmos de versos, em que offerecesse ao meu corpo, cansado de percorrer toda a cidade, desde a sua Porta Marina e Fonte da Abundancia até aos seus ultimos limites, o dôce repouso num triclinio dourado, o sabor das suas fructas mais finas e dos seus mais exquisitos licores! Mas... ai de mim! No meio d'aquellas estreitissimas ruas e d'aquellas paredes derrocadas nem viva alma, a não ser, de longe em longe, quebrando o poetico respeito do local, a de algum guarda de boné e galões nas mangas do casaco...

No meio das coisas maximas, commovem muitas

vezes as minimas. Eu sabia que Pompeia tinha a sua pintura caracteristica, e alegrei os olhos vendo sobre o estuque vermelho-escuro, ou mesmo preto, as suas grinaldinhas de flôres, os finos arabescos serpeando ao redor de taças mimosas e de figuras gentis, essa pintura de estylo tão original e tão delicado, que seduziu o proprio Raphael — o mais delicado artista de todos os tempos — que a imitou, na fórma e na côr, em uma das galerias do

Vaticano em Roma; ouvira fallar e lêra noticias dos mosaicos esplendidos de Pompeia e das suas incomparaveis thermas, mas não imaginei nunca que o seu amor á agua tivesse sido tamanho; e essa particularidade tão simples, tão da obrigação de toda a gente, tornou logo sympathico aos meus olhos esse grande povo, extincto tantos annos antes de ter nascido Christo!

Foi, portanto, um pedaço de chumbo torcido, miseravel resto de um cano velho, uma das coisas que mais assombro me fizeram! Pompeia gastava agua em abundancia: a canalisação extendia-se por todas as ruas e todas as casas, com torneiras eguaes ás de hoje, e havia thermas luxuosas, com largos tanques, piscinas claras, salas bem decoradas. Não lhes bastando isso, todas as habitações tinham o seu *atrium*, sala sem tecto, aberta ao sol e ás aguas puras do céo, que encontravam no sólo um reservatorio de marmore — o *impluvium*.

Roma, na sua parte antiga, mostra-nos tambem thermas e mais thermas; desde as mais soturnas, como as de Tito, que se não vêm sem auxilio de luzes, até ás de Caracala, onde no seu tempo de brilhantismo *viviam* estatuas celebres, Hercules Farnese, Venus Callipigia, Flora e outras! Mas... ruinas, como as thermas, só vistas por artistas ou por philosophos, historiadores ou poetas, para que o saber ou a imaginação reconstrua o que o tempo e os homens perversamente destruiram.

Dizia eu que os povos da edade-média não imitaram os seus antepassados, e fugiam da agua como o diabo da cruz!... Felizmente, porém, houve grandes *coquettes* em todos os tempos e essas tiveram sempre a phantasia extravagante... do banho!

Por desgraça, não lhes bastava a agua nem o sabonete aromatico e espumoso. Umas lavavam-se em leite de jumenta, como a mulher de Nero; outras em summo de morangos esmagados, que amacia a pelle e que alegra a vista; outras em agua (finalmente!) da chuva, como Diana de Poitiers; outras com agua distilada de mel de rosas, ou com pasta de amendoas bem dissolvida, ou com o summo leitoso de plantas verdes, ou em vinho de Malaga, como a amante de Alexandre I, da Russia; ou em infusões de junquilhos, nardos e jacynthos, as flôres de aroma capitoso e embriagador! Maria Antonieta, que fez inventar uma banheira para o seu banho da noite, mergulhava-se todas as manhãs num cozimento de folhagem de thymo e de serpol.

Neste nosso Brasil, quente e uberrimo, sobejam plantas, cuja decocção daria banhos cheirosos. Mas para que, se os perfumistas inglezes e francezes nos mandam já promptas, transparentes e deliciantes, as mais finas essencias, que, derramadas n'agua ou pulverisadas depois na pelle, nos dão o mesmo goso com muito menor

trabalho? Além de que, os cozimentos, desde que não sejam prescriptos pelo medico, podem ser perigosos!

Para fazer a *toilette* á pelle, isto é, vestil-a de uma côr suave e brandamente velludosa, julgo bastante... a agua pura e um sabonete delicado. Emfim, para não ser avara, concedo que se deite no banho um pouco de agua de Colonia.

Eu aconselharia a todas as moças ricas luxo de marmores e de metaes nos seus quartos de banho. Uma mulher moça e formosa (qual é d'ellas que não se julga assim?) ao escorregar na agua quente, que todo o corpo enlaça, lambe e amollenta, que dôces sonhos teceria, vendo por entre as pestanas cerradas as côres eternamente fugitivas dos marmores e os reflexos dos vidros e dos metaes! Para a burgueza apressada ou fraca o caso é outro — o quarto de banho deverá ser simples, amplo e risonho. Um oleado rodeará ahi a banheira, para que a agua não apodreça o assoalho, se não houver ladrilho; bastará mais um tapete para os pés, uma larga cadeira de encosto, cabides, um porta-toalhas, e, fixadas na parede, perto da banheira, e ao alcance da mão, a cesta da esponja e a concha do sabonete. Além d'isso, numa solida cantoneira de marmore, as escovas e o pulverisador, o porta-grampos, etc.

A agua é um elemento essencial da vida e o principal factor da saude humana. Uma casa em que a talha de philtro seja bem tratada, e o quarto de banho diariamente frequentado, atravessará largos periodos de serenidade e de alegria!

EM GUARDA!

⁂

Quando, ao caír da noite, a mãe senta nos joelhos o filho amado e o interroga sobre os feitos do seu dia, para censural-o ou applaudil-o, como é feliz quando tem, para fortalecer a sua consciencia, a contar-lhe um facto heroico ou um sentimento sublime, documentados por uma simples noticia de jornal ou uma audição de acaso! A sua alma prophetica adivinha que coisa alguma commoverá mais profunda e utilmente o seu rapazinho do que o saber que no seu tempo, na sua cidade mesmo,

á hora em que elle brincava com o seu pião, ou escrevia os seus themas, ou dormia regaladamente o seu somno, havia um homem da mesma raça, da mesma lingua, seu semelhante em tudo, que arriscava a sua vida para salvar a vida de um extranho, escalando janellas incendiadas, atirando-se ás ondas impetuosas, atrevendo-se, emfim, aos perigos de uma morte horrivel e quasi inevitavel!

São as melhores paginas para a alma, estas paginas vivas, ainda quentes do calor do sangue, ou empapadas pela inundação das lagrimas. Percebendo isso, não ha mãe que se não commova, quando, relatando-as ao filho, vê nas transparentes pupillas d'elle despontar e dilatar-se a flôr dourada da generosidade e do enthusiasmo precoce.

Sei que, ao contrario de tudo que é regido pelas leis naturaes, os heróes do passado, vistos atravéz a distancia dos tempos, em vez de diminuirem crescem de estatura; mas a verdade tambem é que essa lente magica, agiganta-os até ao ponto de os tornar como deuses, mais faceis de admirar que de imitar.

O conhecimento dos grandes homens da antiguidade serve para a cultura do espirito, mas não sei se terá o mesmo proveito para a do sentimento.

Elles permanecem immoveis no seu tempo, em um meio que foge á nossa perspicacia e em que se destacam como entes sobrehumanos para o culto das gerações successivas. As creanças, lendo ou ouvindo as suas façanhas, têm uma certa desconfiança da sua authenticidade, ou o presentimento de que nos tempos modernos ellas seriam absolutamente impossiveis.

De resto, o que está nas chronicas e nos livros póde ser ficção. Quem viu? Quem relatou? homens que talvez tivessem mentido ou simplesmente exagerado, e que dormem ha muito o frio somno em tumulos dispersos e ignorados.

Agora o que não é mentira, o que parece feito da carne quente e não das cinzas frias, é um caso de altruismo que o nosso jornal nos contou esta manhã, com um commentario banal, na frivolidade apressada de quem vê tudo do alto e quer seguir para deante, em desempenho de outras attribuições. Este caso, passado entre nós, attestado por pessoas nossas conhecidas, ainda tem uma palpitação de vida e póde reproduzir-se nesta mesma hora, d'aqui a pouco, ou ámanhã....

Que bello partido tiram as mães intelligentes d'essas lições do acaso! Ás vezes o facto parece tão insignificante que se some em um canto do periodico, sem attrair a attenção de ninguem, tal qual como uma mulher desconhecida e feia se some numa esquina. Passou, viram-na, mas não houve quem lhe tirasse o chapéo ou sequer a acompanhasse com a vista.

Por mais que bramem contra o egoismo e a maldade d'estes tempos, olhem que ha por ahi muitos exemplos de abnegação e de bondade dignos de toda a nossa reverencia. Lendo-os, na maior parte das vezes, levantamos os hombros, não fazemos caso.

É que a noticia, feita sobre o joelho, vinha mal enroupada, com falta do estylo que seduz e obriga á commoção. Reflectindo, porém, um bocadinho, a educadora perspicaz pesca, no lodo que as secções policiaes revolvem, perolas de inapreciavel valor! O resto depende da habilidade dos seus dedos, quando as mostrem á clara luz para fazel-as admirar.

Ha quem prohiba a meninas e rapazinhos a leitura dos jornaes. Por mim não me parece que haja nisso bom senso. O jornal é toda a alma da cidade, com os seus vicios, as suas miserias e as suas glorias, que fazem tremer de horror ou de enthusiasmo, e que, melhor que todos os livros de philosophia, ensina a conhecer o coração de um povo.

Que descortinará o jornal mais indiscretamente do que descortina a rua, onde a mocinha, incitada á faceirice por elogios sem termos, entrevê os graves amigos do papae conversando com as *cocottes*, sentindo nas faces puras o bafejo de todas as tentações, desde as do luxo das *vitrines* até as do jogo, em bilhetes de loteria que fluctuam deante dos seus olhos, sacudidos por mãos teimosas e impertinentes?

Ah, o jogo! Por toda a parte se alastra a mania das rifas e das loterias; algumas casas mesmo do commercio especulam com a sua seducção. Ha já sapatarias, alfaiatarias, casas de papel ou de joias, que offerecem

coupons sujeitos a uma fortuna de acaso, que habilita uma pessoa a alcançar, de graça, um terno novo, um par de botinas, ou meia duzia de lapis. Ora, estes *coupons* e bilhetinhos de azar entram pelas portas e pelas janellas, como que trazidos pelo vento, e são sempre as mãos curiosas dos rapazinhos que primeiro os agarram, os reviram e os estudam!

Parece nada? pois nessa insinuação manhosa de economia caseira está uma terrivel ameaça de ruina.

Sei que ha algumas mulheres que, sem cogitar em que o germen de uma grande chaga é quasi sempre um atomo invisivel, acoroçoam os filhos a espalhar entre os collegas de escóla cartões em que fluctuam promessas, que, quando se cumprem pervertem, e quando se não cumprem desesperam.

Uma vez, descia eu a praia de Botafogo, ao calor brando de um dia sem sol, quando ouvi, com o *frou-frou* de uma saia de seda, a voz de um menino dizer a uma moça que ia ao seu lado:

— Olhe, mamãe, já passei cinco *coupons* da chapelaria e ainda não tirei nenhum chapéo.

Áquelle lamento, respondeu ella, com a sua linda voz bem timbrada:

— Continúa, que ha de chegar a tua vez.....

Passaram ligeiros, ella arrepanhando a sua linda saia de seda côr de gravanço, elle impertigado na sua farda de collegial. Ficou um rastro de aroma no ar.....

Estremeci. Mãe e filho! elle queixava-se da má sorte do jogo, ella incitava-o a continuar.

Então, não é verdade que a rua tem revelações extraordinarias, confidencias imprevistas e absurdas?

Em quatro palavras apanhadas no ar, vi toda núa a alma d'aquella mulher perfumada e ligeira, que já se sumia na primeira esquina, sob a umbela rendada e rosea do guarda-sol, que era como uma flôr de que ella fosse a haste.....

Ora, se aos filhos dos ricos, que têm meias finas e roupas caras, interessa o bafejo da sorte que lhes conceda um chapéo vulgarissimo ou umas botinas ordinarias, imaginae que anceios de coração terão os seus collegas pobres, para quem esse chapéo representaria um luxo a que estão pouco acostumados !

Com egual razão, se a mãe rica condescende com um : — continúa —, a mãe pobre, sabendo que o filho tem no bolso papeis que o habilitem a ter, sem gastar um vintem, um terno novo, uma carteira ou um relogio de ouro, supplicar-lhe-á que se avie na acquisição ainda de outros bilhetes, tanto mais que a flanella do seu casaco já está poída, ameaçando fim proximo.

Oh ! estes terriveis papeizinhos que o vento espalha pela cidade e faz entrar pelas janellas e portas das casas de familia onde ha rapazes, como se para máo ensinamento e perdição d'elles não fosse de sobra a rua, onde,

> du soir au matin, roule le grand peut-être,
> Le hasard, noir flambeau de ces siècles d'ennui,

como disse o adoravel Musset !

Quantas e quantas vezes, o proprio chefe da familia se gaba distrahida e imprudentemente, deante dos seus filhos, de ter ganho nesta ou naquella especie de jogo! No que elle não repara, arrastado pela sua influencia, é como as creanças arregalam os olhos de espanto,

seduzidas por aquelle triumpho que ainda desconhecem, mas cuja meia percepção os enleia e os attráe.

O trabalho que as mães têm, para destruir pela raiz aquelle desejo de imitação, que tão depressa nasce e se avigora, é tremendo! A lucta é surda, feita minuto a minuto, com uma vigilancia extenuadora, visto que o inimigo as cerca de todos os lados. Mas tambem, quando á noite o somno e o cansaço cerram as palpebras dos filhos, e ellas se acercam dos seus leitos, sentem que a sua mão que abençôa procura em um esforço, talvez vão mas empre puro e bem intencionado, levar aquellas almas para um largo futuro de paz e de ventura.

PORQUÊ?

❦

Matou-se, porquê? O amor, esse eterno revolucionario, encheu-lhe o coração com o seu amargo licor de duvidas e de desenganos?

Não.....

A miseria bateu-lhe á porta, mostrando-lhe os membros nús, o collo murcho e sugado, as roupas em farrapos immundos e o rosto desconsolado? Foi essa visão que a fez varar o corpo com uma bala de garrucha?

Não.....

Teve ciumes do esposo, medo de que a sua belleza fosse supplantada pela de outra mulher, e que o seu

espirito e a sua bondade, mais o seu amor, não bastassem para prender toda a attenção d'aquelle a quem se dedicava de corpo e alma?

Não.

Perderia algum ente amado, um filho, por exemplo, em quem depositasse todas as floridas esperanças de melhor futuro, e de quem as saudades fossem tamanhas que lhe tornassem insupportavel a existencia?

Não.

Teria sido attingida por uma d'essas molestias incuraveis e nauseantes, que todos os extremos justificam?

Não.

Adulterio?

Não.

Loucura?

Não.

Que hypothese formular então que explique o motivo por que uma senhora honesta, casada, em boa paz com o marido, mãe de uma unica filha, pega em uma arma carregada e manda com uma bala a sua pobre alma ao inferno (que é o logar em que se purgam taes peccados negros), para os martyrios do fogo e as aguas enlodadas e amargosas do Acheronte?

Porquê? Se não adivinhaes é que não sois donas de casa, e se o não sabeis é porque não lestes, ou ouvistes lêr, num grande jornal do Rio, uma noticia simples, sem commentarios, do suicidio de uma senhora, a qual noticia dizia assim:

« No logar denominado — Areal — do municipio de Itaguahy, suicidou-se D. Amanda Augusta Fernandes,

esposa do cidadão Julio Augusto Fernandes. A arma de que se serviu a inditosa senhora foi uma garrucha de dois canos e a bala atravessou o pulmão, saindo pelas costas.

« A autoridade policial tomou conhecimento do facto, encontrando proximo do cadaver um bilhete concebido nos seguintes termos :

« *Morro porque não posso supportar empregados. O meu maior desgosto é morrer sem vêr meu marido e minha filha. Só peço perdão para esta que não devia ter vindo ao mundo.* » Não estava assignada, mas foi reconhecida a letra como a do proprio punho da suicida. »

Que o exemplo não tenha imitadoras. Este triste desfecho, ai de nós ! faz rir. E o ridiculo na morte é a coisa mais lugubre e mais terrivel que até aqui tenho visto.

Ah, no Brasil as criadas fariam tremer de raiva as proprias santas de cera, se com ellas tivessem de lidar ; mas nem assim se comprehende o desatino d'essa infeliz creatura, cuja paciencia arrebentou, á força de esticada. Mas arrebentou por máu lado, a sua colera deveria explodir por outro modo menos ruinoso...

Não seria de mulheres este livro, donas e donzellas, se não houvesse nelle um cantinho para fallar das criadas... E a pobre suicida offerece-nos um ensejo magnifico para tal fim. Eu sou das que têm mais pena e mais sympathia pela gente de serviço, do que resentimento ou queixa, na convicção de que nem sempre servir seja mais agradavel do que ser servida... Todavia não posso deixar de sorrir, ouvindo uma amiga, que, lendo

sobre o meu hombro as palavras que escrevo, exclama atrapalhando-me : — « Pena ?. sympathia ?! não és sincera ! aqui ter uma criada é fazer jus a um cantinho do céo ; ter duas, a um logar nos degráos do throno em que fiquem, com o eterno sorriso, os eleitos entre os eleitos. »

A dona de casa no Brasil é a martyr mais digna de commiseração, entre todas as citadas pela historia. Viver em baixo das mesmas telhas com uma inimiga que faz tudo o que póde para atormentar as nossas horas, pagar-lhe os serviços e ainda fazel-os de parceria, assumindo a responsabilidade dos máos jantares que ella faz e da maneira desleixada por que arrasta a vassoura pela casa ; ordenar e ser desobedecida ; pedir e obter más respostas ; fallar com doçura e ouvir resmungar com aspereza ; advertir com justiça e ouvir responder com aggressão e brutalidade ; recommendar limpeza, economia, ordem e calma, e vêr só desperdicios, porcaria, desordem e violencia, confessa que é coisa de fazer abalar em vibrações dolorosas os nervos os mais modestos, mais tranquillos e mais saudavelmente pacatos do mundo !

Na Europa não é preciso que uma familia tenha fortuna para receber em sua casa meia duzia de amigos, sem receio de que os copos venham pouco crystalinos á sala oú que a sopa esteja desenxabida, caso a dona do *ménage* não vá á copa vêr os crystaes ou á cozinha cheirar as panellas...

Aqui, a coisa chega a ser comica, mas de um comico que obriga á careta em que não entra a sympathia do riso. Dirás: mas hoje as nossas criadas vêm de lá! Parece-me que sim; mas julgo que só emigram das aldeias esfomeadas e de povoações do interior bandos de creaturas só habituadas ao plantio das vinhas ou á colheita do trigo.

As das cidades, já desbastadas da crosta nativa e mais ou menos educadas, essas deixam-se ficar gosando, nos poucos intervallos da sua vida trabalhosa, os gosos das capitaes. Porque lá dá-se esta anomalia: quem trabalha não é a dona da casa, é a criada!

A praga chegou até ao logar do Areal, e com tamanha furia que a pobre da D. Amanda, a quem atiras o teu punhadinho de ironias, apezar de esposa affectuosa e mãe apaixonada, preferiu um tiro de garrucha a supportar por mais tempo os seus criados!

Não cuides tu que se rirão d'essa morte desesperada e que não haja por ahi muita gente bôa que, revoltada pela estupidez, ignorancia, preguiça ou má vontade dos famulos, não tenha muitas vezes desejo de fugir d'esta vida para a outra, onde não seja preciso comer feijão queimado, *roast-beef* absolutamente crú, e onde o furto e a incuria não tenham o mesmo impudor nem os mesmos assomos.

A sombra de D. Amanda, que a estas horas se recosta, placida e alliviada das penas da Terra, a uma borda da barca de Charonte, sahirá contente, porque foi comprehendida!

Como o morrer é facil para algumas pessoas!

FORMALIDADES

As formalidades mundanas transformam-se com a moda, pouco mais ou menos como os vestidos.

Uma pessoa rigorista não póde estar tranquilla!

A maneira de calçar a luva, tirar o chapéo, dobrar uma carta, fazer um convite, receber uma visita, comer a uma mesa, ir a um enterro ou a uma festa, andar, sorrir, etc., varia como as estações!

Nestes cuidados, apparentemente futeis, existe um trabalho complicadissimo, porque emfim, mudar de habitos de anno em anno sempre é mais difficil do que mudar de gravata todos os dias...

Que dolorosas raivinhas sentirá uma creatura, mesmo bondosa e placida, mas com apuros de exterioridade, ao verificar que pôz um sello num sobrescripto, no logar designado pela moda antiga, ou que dobrou a ponta do bilhete de visita á moda antiga, ou que distrahidamente apertou a mão de alguem na rua á moda antiga!

É para enlouquecer...

Não digo que se não acatem com afan certas modifi-

cações; apraz-me comer os espargos á moderna, com garfo e faca, o que desobriga de sujar os dedos e fazer uma gymnastica de cabeça por vezes embaraçosa; mas acceitar todas as reformas de etiquetas e costumes, parece-me excesso de phantasia, que póde acarretar prejuizos...

Estas minucias delicadas são as meias tintas, que fazem realçar a educação do individuo; para que ellas sejam naturaes devem ser cultivadas desde a infancia, nesse uso que as faz parecer uma segunda natureza. O dôce preceito antigo de que o que se aprende no berço dura, até á morte, fica abalado com esse continuo fazer e desmanchar de regras com que as civilisações se entretêm. O que era lindo e correcto ha alguns annos passou a ser caricato á vista da moda tyrannica dos dias que vão passando.

Têm razão os velhos em sorrir, com benigno escarneo, das allucinações d'esta mocidade trefega.

No seu tempo os costumes eram de uma cortezia mais repinicada, mas muito mais egual.

A arte de bem viver na sociedade aprendia-se de uma vez só e ficava para o uso da vida inteira. Aquelles

habitos amaneirados impregnavam-se nas pessoas como um perfume na pelle e passavam por isso a ser — essencia propria.

Hoje os habitos são movediços como as turbas. Tão depressa é de praxe que seja o homem o primeiro a cumprimentar uma senhora, como é o de uma senhora cumprimentar primeiramente um homem; ora estabelecem que devem ser as damas edosas que offereçam a face para o beijo das novas, ora que sejam as novas que entreguem a face para o beijo das velhas, etc.

Para quem não estiver bem firme na maneira por que se deve conduzir, estes renovamentos só podem crear indecisões e afflicção.

Este embaraço não é só nosso.

Na velha sociedade da França, civilisada e primorosa, ainda é preciso que de vez em quando surja um livro ensinando regras, o que é indispensavel, visto as transformações, ou se espalhem artigos em revistas e jornaes, cheios de preceitos de civilidade.

É sempre com uma solemnidade dogmatica, que esses auctores ensinam a comer ameixas em calda, disfarçando a queda dos caróços no prato; a chupar uvas sem engulir as grainhas; a pedir a mão de uma moça; a pôr o pé no estribo, a descer do carro, a pegar na aba do chapeu para um cumprimento e até a apertar a mão dos amigos!

Este acto tão simples de polidez e de sympathia é motivo grave de preoccupações. O gesto expressivo de se extender a mão aos outros, com naturalidade, póde, na opinião dos formalistas, ser tão ridiculo como uma cartola velha num sujeito elegante, ou uns oculos de

tartaruga num rostinho de quinze annos... Assim, ora decretam que se levante o cotovelo até á altura da orelha, que o pulso penda com molleza e que seja nessa attitude de animal de feira, que as mãos amigas se encontrem, num simples roçar de dedos, ora que seja o aperto de mão á altura do queixo, acoimando de brutal o *shake-hands*, com que as mãos fortes esmagam as mãozinhas molles e debeis.

Usos, costumes e convenções surgem todos os dias no codigo mundano, como cogumelos na terra humida. É prudente não acceitar todos sem exame. Ha cogumelos que matam, ha convenções risiveis. O ridiculo d'estas, equivale ao veneno d'aquelles...

PARA A MORTE!

DIZEM que não ha na mesma arvore duas folhas eguaes e que as proprias flôres, bem comparadas, divergem entre si, ou na fórma, ou no colorido, ou no aroma.

É uma differença quasi imperceptivel e só apprehendida pela vista e o olphato argutos de um botanico estudioso e observador.

Quer isto dizer que no fundo da sua natureza mysteriosa, a propria planta tem tambem os seus desaccôrdos impenetraveis....

Como as folhas da mesma arvore, irmãs! somos todas dissemelhantes, e como as folhas somos levadas ou pela aragem dôce que nos atira para a velludosa alfombra aos pés da propria arvore; ou pela lufada do temporal, que nos impelle para a terra em torvelinho ou para as aguas torrenciaes!

Que culpa temos nós de ficarmos aqui ou irmos para além, se somos levadas pelo vento?

Nos tempos antigos, a mulher era calma, submissa, pacifica e retraída; mas seria tudo isso por ter mais

bom senso, mais felicidade e menos ambição? Não me parece. O motivo devia ser outro; o motivo devia de estar na atmosphera que a envolvia e em que não existia nenhum elemento agitador. Não somos nós que mudamos os dias, são os dias que nos mudam a nós.

Tudo se transforma, tudo acaba, tudo recomeça,

creado pelo mesmo principio, destinado para o mesmo fim. Nascemos, morremos e no intervallo de uma e outra acção, vivemos a vida que o nosso tempo nos impõe.

O que elle impõe hodiernamente á mulher é o desprendimento dos preconceitos, a lucta, sempre dolorosa, pela existencia, o assalto ás culminancias em que os homens dominam e de onde a repellem.

Mas, seja qual fòr a guerra que lhe façam, o femi-

nismo vencerá, por que não nasceu da vaidade, mas da necessidade que obriga a triumphar.

A vida é cada vez mais exigente, absorve todas as aptidões; quem a póde servir, serve-a, e com isso só se enobrece, porque o trabalho nunca aviltou ninguem. Desde as classes inferiores, em que as mulheres queimam as mãos nas barrellas e carregam fardos, ou passam noites dobradas sobre as costuras, estragando os olhos e os pulmões, até ás professoras, ás medicas, ás negociantes, qual não terá a consciencia de sacrificar ao dever a sua alegria, o seu corpo, a sua mocidade?

Eu só não posso reprimir um movimento de estupefacção deante da mulher que liga o seu nome a uma propaganda de exterminio e de sangue. Quando ha tempos li o de Emma Galdman, acusada de instigar a morte de Mac Kinley senti uma revolta n'alma e a suspeita de que comettiam uma injustiça. Se em vez d'esse, viesse no mesmo logar um nome de homem eu não vibraria ao mesmo estremecimento.

Não leio todos os dias noticias de mortes, de assassinatos e de crimes com egual direito á minha compaixão? E tremo por isso? E atordôo com ella os ouvidos do meu visinho?

Absolutamente!

A intenção de Emma, de bem fazer ás classes opprimidas e de só abater os grandes para mais livremente fazer circular os pequenos; a sua fé divina em um futuro de pacificação e de harmonia, em que a fraternidade dos homens não seja uma palavra vã, toda a generosidade do sonho em que ella afoga a sua alma de

alucinada, não lograram, ai de mim! convencer-me de que ha desculpa para uma mulher que só por via do mal procure fazer o bem!

Nem creio que ella o propagasse assim. O papel mais difficil é e será sempre o da conciliação, e é esse que todas as mulheres, mesmo as mais extremadas nos seus ideaes, deveriam desempenhar. O mundo está farto de sangue e de odios, e á espera de um bem, que tarda, e que o pacifique sem que para isso se amontoem cadaveres nem se accrescente o numero dos encarcerados.

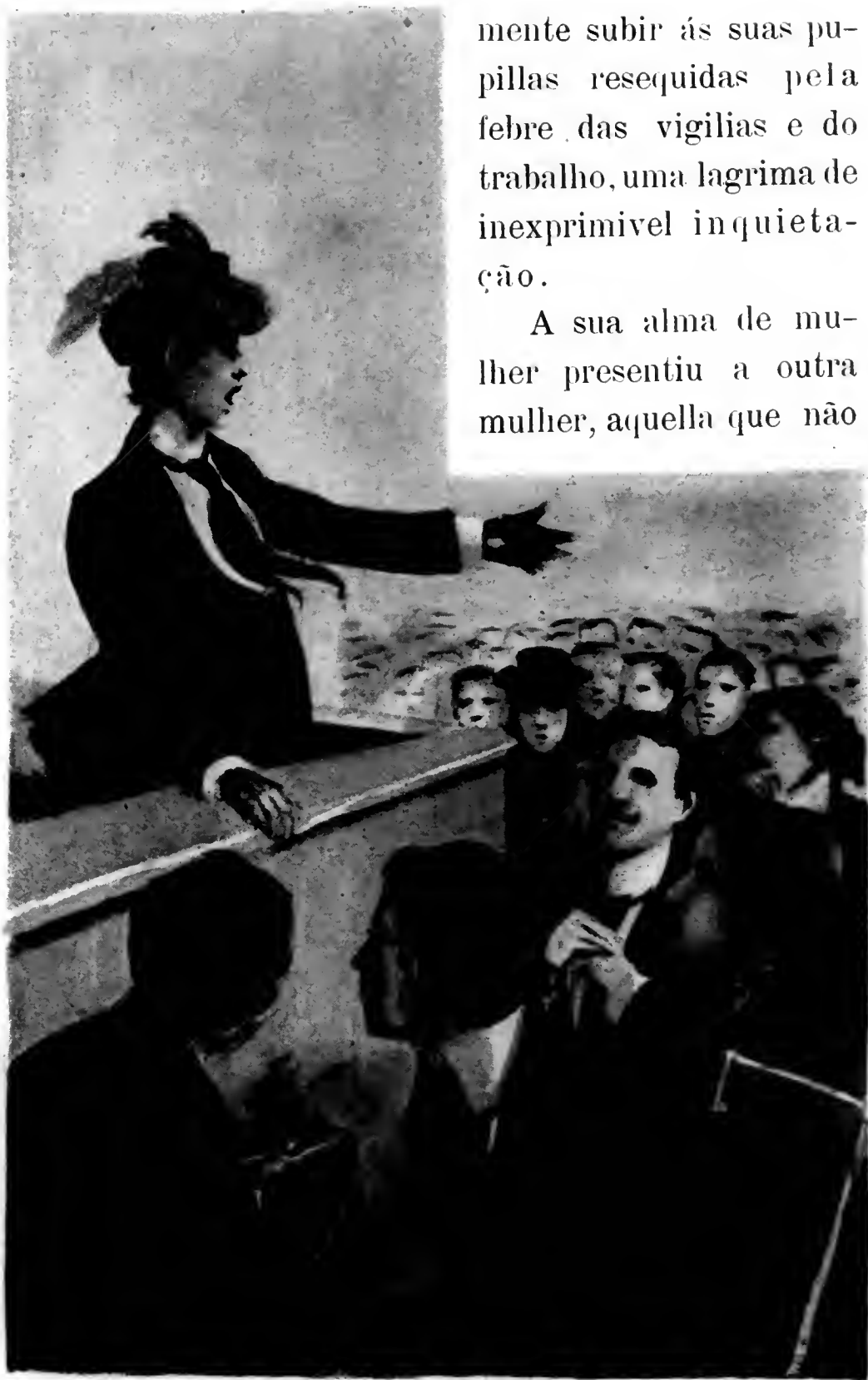
Oh! se para o triumpho do sonho anarchista, os fanaticos não quizessem a destruição; se a sua obra libertadora não exigisse o diluvio do sangue e a devastação das cidades, como elle seria seductor e desejado!

*
* *

Como todas as revolucionarias, Emma exgottava-se em escriptos e em conferencias, levando de terra em terra a chamma da sua palavra incendiada; prégando as suas doutrinas pelas cidades e villas da União, perturbando os cerebros espessos de operarios, sujeitos, até ao dia nefasto de a ouvirem, com maior ou menor resignação, ás privações da sua dura sorte. Entretanto, ella, querendo illuminal-os, plantava-lhes n'alma o descontentamento e a dôr. A infelicidade que se ignora, não é infelicidade...

No dia em que foi executado o assassino de Mac Kinley alguma mulher o chorou como mulher; e Emma, sem consolar essa desconhecida, mãe, amante ou irmã do homem que perdeu, sentiu natural-

mente subir ás suas pupillas resequidas pela febre das vigilias e do trabalho, uma lagrima de inexprimivel inquietação.

A sua alma de mulher presentiu a outra mulher, aquella que não

sabe ser no mundo outra coisa, e que da vida só tem uma noção — a do amor!

A escriptora anarchista comprehendeu que é bem espinhoso e duro o caminho por onde ella busca a felicidade; mas acharia tarde para voltar, sentindo medo do caminho percorrido. Assim, haja o que houver e sinta o que sentir, ella continuará...

Continuará, lavada em lagrimas, ao sopro erradio do seu destino, como a folha ao vento, espalhando o seu aroma venenoso pelos caminhos das fabricas e os carreadouros dos campos de lavoura. Ella continuará prégando e prophetisando um bem irrealizavel.

Ella continuará, e outros correrão a ouvil-a, e morrerão por cumprirem os seus mandamentos, e serão chorados por mulheres que ainda não saibam ser outra coisa no mundo... e na face serena da terra a inundação do sangue e das lagrimas não mudará nunca a essencia das coisas nem a dos seres!

*
* *

Sim, a culpa é do tempo: é elle que obriga as mulheres a olharem para a vida com uma attenção tão rude e tão penosa. Sentem-se muito sós, precisam trabalhar, para ellas e para as que nascem d'ellas, porque a onda da miseria cresce, e mesmo as que não se afogam nella, sentem-lhe os respingos amargos e a sua sombra pavorosa.

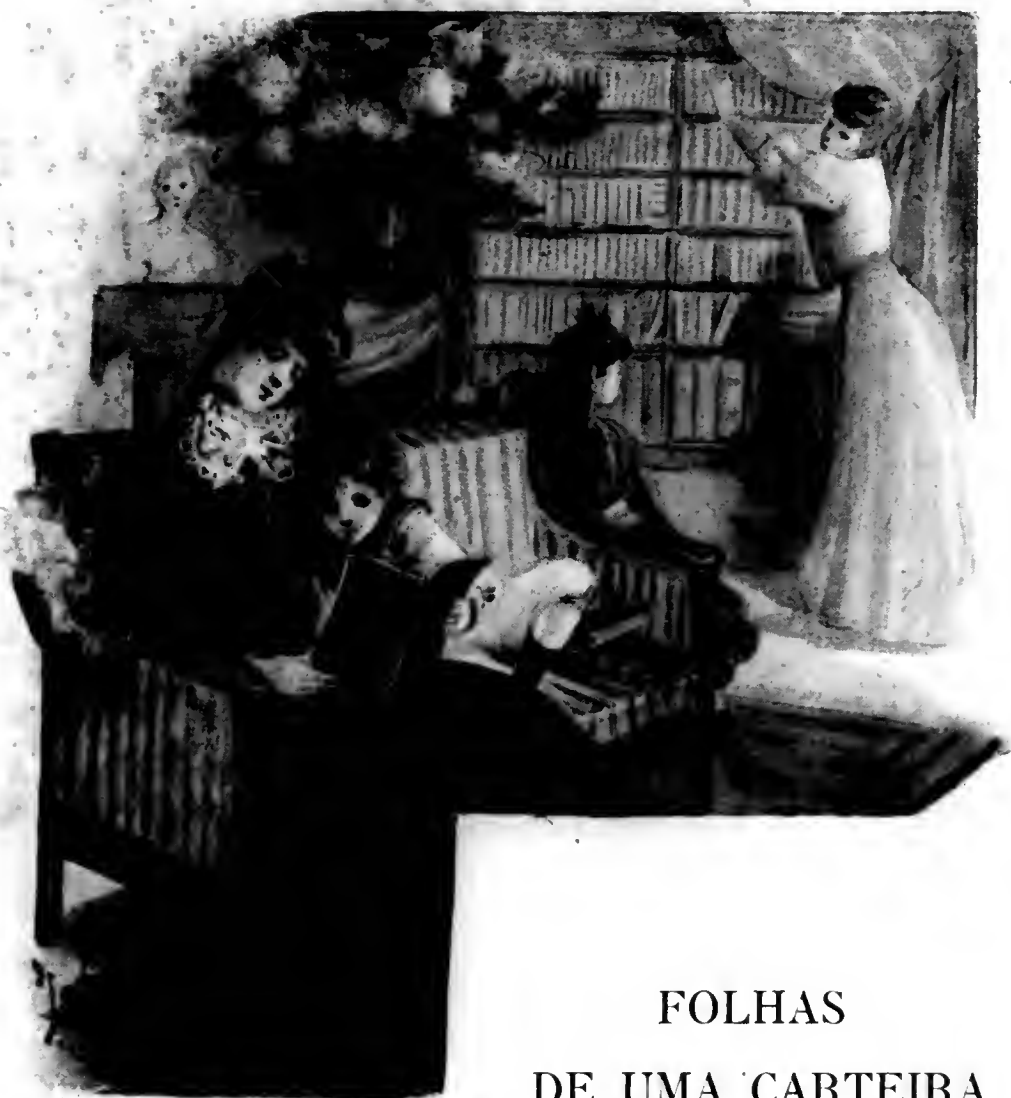
Oh, certamente que não foi por méra e caprichosa phantasia que a mulher se despojou das suas attribuições de ornamento para endurecer a alma e calejar as mãos na lufa-lufa do trabalho angustioso e viril.

Ellas protestam, porque vão para elle de rastos,

obrigadas pela necessidade urgente ou attrahidas pela corrente que puxa as demais para a mesma voragem dolorosa.

De resto, bem sabem que nessa lida perdem a formosura a que renunciam, não sem tristeza, porque o enleio da formosura é seductor, — mas com altiva resignação. Pois bem, que tudo se arruine e se perca no mundo, menos a bondade da mulher, o seu acoroçoamento para o bem e as suas expressões maternaes e pacificadoras!

De que nos serve, febril Emma Galdman, aturdir-nos e crear-nos infinitas visões de futuros impossiveis, se no fim de qualquer caminho por onde o destino vario nos leve, vamos todos bater á mesma porta negra?

SEGUNDA PARTE

FOLHAS DE UMA CARTEIRA

Disse-me um dia um velho amigo :

— Ha certos livros de educação e de hygiene que acho indispensaveis numa bibliotheca de senhoras. As mulheres salvarão pelo amor o que os homens estragam por desidia.

Ponho nellas toda a minha esperança. Aos espiritos banaes essas leituras parecerão fastidiosas; mas devemos crêr que as mães, empenhadas pela saude e o bem estar dos filhos, achem grande interesse em folhear

paginas serias de educadores modernos. É um erro pensar que, hoje, o ensino deve ser ministrado como ha cincoenta annos e entregar os nossos rapazes aos nossos collegios atrophiadores. Ha tempos enviei um livro a minha filha : L'*Education nouvelle*, de Edmond Demoulins. Pois os meus netos já lucraram alguma coisa com a leitura da mãe. O livro é uma exposição clarissima da Escóla moderna, prática, que trata de aperfeiçoar ao mesmo tempo o corpo e o espirito dos rapazes. « *L'École doit développer à la fois chez l'enfant la largeur de l'intelligence et la largeur de la poitrine.* »

Minha filha leu esse livro com muito carinho, e, na impossibilidade de executar em casa todo o programma do collegio, iniciou alguns dos seus exercicios com proveito, graças á instrucção que recebeu... Os meus netos vivem no campo, onde têm bom theatro para os seus estudos de historia natural. Um d'elles frequenta uma officina de carpintaria, o outro uma de ferreiro... A mãe preside ás suas leituras, livros escolhidos, na boa lingua portugueza, e ensina-lhes desenho e musica. O pae dá-lhes uma hora de mathematicas e geographia, e contractaram um professor francez para a lingua franceza e um inglez para a lingua ingleza, obedecendo á ordem da Escóla moderna de que nunca uma lingua deve ser ensinada senão pelos da sua nacionalidade. Os pequenos nadam como peixes e correm como gamos. Não têm as mãos assetinadas, está claro... imagine um ferreiro! um marcineiro! Por emquanto não barafustaram pelos labyrinthos da grammatica, mas já escrevem cartas muito limpas e já movem a lima e o malho com algum desembaraço...

Intercalando os estudos classicos com trabalhos materiaes e occupações artisticas, elles vão-se tornando homens completos, tanto á vontade num salão como

em uma officina... Em uma das suas cartas diz-me a mãe :

« João e Luiz têm o andar firme e olham para toda a gente de rosto, com a cabeça alta, já demonstrando consciencia de homens ! »

E em outra carta :

« João está hoje trabalhando no jardim e Luiz na horta, a meu mandado. Ás quintas e sabbados vem um homem guial-os nesse serviço, depois da hora das officinas. Cada qual me faz mais lindas promessas ; se ellas se realizarem, ninguem terá nem tão lindas rosas nem tão magnificos repolhos. »

Ainda noutra carta :

« João tocou hoje a sua primeira sonatina para alguns amigos ouvirem, e Luiz offereceu ao mestre de inglez um desenho razoavel. Embora eu disfarce o meu enthusiasmo, elles percebem que estou contente. »

Esta mãe que assim cultiva nos filhos todas as bôas qualidades de corpo e de intelligencia, a que deve essa satisfação ? Ao seu amor ? Não só ao seu amor, pelo qual os filhos nada lhe devem, porque todos os animaes amam os filhos ; mas a ter estudado como um homem sciencias naturaes e linguas vivas. Ella sabe ; logo ella póde transmittir, e os seus filhos são assim, duplamente — suas creaturas.

* * *

Os russos, quando querem ser bons e simples, dizem coisas enternecedoras. Aqui estão palavras de um romance russo :

« Repara no cavallo, esse grande animal, e no boi,

o robusto trabalhador que te alimenta : vê que physionomias sonhadoras ! que submissão, que fina timidez ! que devotamento por quem tantas vezes os castiga sem dó ! É enternecedor o pensarmos que taes entes são sem peccado, porque tudo é perfeito, tudo é sem peccado, menos o homem. »

Menos o homem ; e para que este seja tambem puro quantas lagrimas de arrependimento e de contricção terá que verter ! Mas para se ser perfeito não basta amar a humanidade ; é preciso que o nosso olhar abranja toda a natureza e confunda na sua harmonia, com egual carinho, todos os seres que soffrem e que se submettem.

No meu bairro, ás vezes, tenho de encostar-me a um paredão da estrada para deixar passar uma carroçada de pedras puxada por uma ou duas juntas de bois. Elles vão cobertos de suor, sob o peso da canga, num esforço valente e com ar humilde, e ainda o bruto do carroceiro os espicaça com o seu pampilho ! Na cara do homem não se lê senão a furia bestial da impaciencia, emquanto que os *robustos trabalhadores*, vergados e submissos, olham para a estrada adeante, com uma expressão de bondade sonhadora...

Caminho então para casa, pensando que realmente nós tratamos muito mal os animaes. Só os vemos embaixo do trabalho pesado.

Nessas lindas tardes de setembro, em que vagavam no ar pipilos de aves e pennugens brancas de paineiras, porque não passaria pelas lindas estradas de Santa Thereza uma ou outra amazona em cavallo bem tractado ?

Passado o instante do *electrico* os folhudos galhos das arvores que se debruçam sobre as estradas núas, só vêm passar cavallos magros, lanhados de chicote, ou os fortes bois submissos e sonhadores...

* * *

Ha na comedia *Blanchette*, de Brieux, uma phrase que synthetisa, com delicadeza e exactidão, o amor ufano com que as mulheres servem a sua casa. São palavras simples, sem litteratura, sempre as mais sinceras, que nascem da alma e definem com clareza uma ideia ou um sentimento.

Lembram-se? *Blanchette*, deslocada em casa pela educação recebida no collegio, abandonára o lar em uma rebentina, ouvindo as maldições do pae a apontar-lhe a porta da rua com a mão nodosa de vendeiro avaro. *Blanchette*, que se recusára a atar á cintura os atilhos do avental, para servir os freguezes do pae, volta pela segunda vez ao ninho paterno, mas agora como um cão batido, magra, morta de fome, coberta de humilhações. Tivera de servir de criada para viver. O mundo ensinara-a.

Vendo-a, a mãe acolhe-a, aquecendo-a de encontro á sua carne martyrisada e submissa... O pae, teimoso, lá chega ao seu momento de ceder e ella, emfim restituida á sua casa e á sua familia, exclama radiante :

—«Como é bom pòr a gente um avental em sua casa!»

E com que alegria os seus dedos ageis amarram então na cintura os atilhos do avental! É que os aven-

taes que as patrôas lá fóra lhe haviam atirado á cara tinham bem diversa significação. A independencia do nosso canto, a felicidade do sacrificio feito pelo nosso lar e por os que amamos, estão bem dentro d'essas palavras, que dirieis escriptas por uma mulher, tão impregnadas estão de sentimento feminino!

E ahi está como um pedaço de panno incolor póde ter tão alta significação moral...

*
* *

O lenço desempenha na vida um papel bem variado!

Mesmo os lenços de luxo que com renda e tudo não medem mais que uns vinte e cinco centimetros, mera futilidade incapaz de descer ás necessidades prosaicas, até esses têm o destino clemente de enxugar lagrimas e disfarçar ironias.

Quando pertença a uma senhora, — que o do homem é obrigado a um exercicio activo, — o lenço branco, de meio metro quadrado, paternalmente carinhoso nos defluxos e nas bronchites, não sae do recato da gaveta, bem guardadinho para as urgencias de occasião, dobrado em quatro entre *sachets* ou raizes de capim cheiroso.

No fundo da sua consciencia (supponhamos que os lenços tambem têm d'isso), elles sentirão a satisfacção do dever cumprido, tão apregoado pelos que o não cumprem, e esperarão que os chamem ao serviço interino de um nariz precisado do seu soccorro, e da sua abnegação.

Mesmo os lenços de chita, tão caricatos e nojosos,

salvam-se quando, bem lavadinhos, são postos em cruz sobre o peito farto de uma camponeza bonita. Então não cheiram a tabaco; cheiram a trevo e alecrim; não têm nodoas de rapé, têm a sombra da cruz redemptora ou dos bentinhos que a dona traz pendurados no pescoço; não representam a torpeza de um vicio que desmoraliza o nariz, mas sim o recato que poetisa o seio.

De mais, são alegres com as suas côres turbulentas e ramagens vistosas, que despertam a ideia de campos de papoulas, onde bata o sol.

Não sei precisar se são só de minha cabeça, ou suggestão de alguma leitura fugitiva, estes reparos que por escrupulo vão entre aspas:

«É no lenço que nós impregnamos com mais intensidade o nosso perfume favorito, a essencia que faz parte da nossa individualidade e nos denuncía ao olphato dos amigos. É o lenço que secca as nossas lagrimas, que se mistura aos nossos sorrisos, que ajuda a mimica, abafa os gemidos, dissimula a careta e

guarda amarguras do coração : triste pranto secreto e que ninguem adivinha. Recurso de afflicções, elle, impassivel e mudo, deixa que o crispemos, que o mordamos, que o estraçalhemos, nos movimentos de odio e de despeito, quando não possamos com a palavra repellir a má intenção de um olhar ou de um gesto que offenda! Victima das nossas agonias, elle é então o salvador da nossa dignidade.»

É ainda o lenço que, comparticipando da expressão do nosso sentimento, se agita no ar numa saudação de applauso ou na saudade de uma despedida.

Quem não viu, ao menos uma vez na vida, esse acceno branco, repetindo em silencio a palavra que já não póde ser ouvida? Onde a voz já não chega, chega ainda o adeus do lenço, batendo-se no ar como uma aza na agonia.

Imaginae se a amada do poeta teria lido nunca estes versos

« Este teu lenço que eu possuo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'o, pois roubei-o
E foi meu crime em breve descoberto. » (1)

se ella o não usasse e o não tivesse deixado roubar, já naturalmente com o proposito, muito humano, de o rehaver, quando

«Pando, enfunado, concavo de beijos!»

Esse trapinho, que se embebe de lagrimas que seccam, de beijos que se não vêm, que falla nos aparta-

(1) *Versos de um simples.* Guimarães Passos.

mentos e nas acclamações, que designa para o amor de um rei a mulher preferida, que abafa os soluços, guia as pesquizas das cartomantes e das feiticeiras, dá signaes aos namorados, protege os espirros e rescende aos aromas mais capitósos; que é muitas vezes cumplice em intrigas, fingindo seccar olhos enxutos e escondendo caretas que desejem parecer sorrisos, tem ainda uma missão misericordiosa: a de encobrir a face feia e fria dos cadaveres. E na hora extrema do cadafalso, vendam-se com o lenço os olhos dos suppliciados, para não verem a morte!

Have you not sometimes seen a handkerchief
Spoted with strawberries in your wife's hand?

Quantas vezes o notára Othelo; se era dadiva sua!

Pois foi com esse lencinho salpicado de morangos que o honesto Yago assanhou no seu senhor o monstro de olhos verdes, o negregado ciume, que fez morrer a pallida Desdemona.

Na acção como na intriga os lenços representam muitas vezes no theatro extraordinarias ficções!

São almas que se dilaceram entre os dedos apaixonados de Margarida, ou os dentinhos terriveis de *Frou-frou;* são como pedacinhos de pelle amada de encontro aos labios de Romeu: e quando não exaltem paixões nem enxuguem o suor da agonia, são ainda um magnifico pretexto para que a mão desoccupada vá e venha, cortando a monotonia da inercia.

Quem inventou o lenço bordado e circumdado de rendas foi a imperatriz Josephina, que por ter máus dentes escondia com elle continuamente a bôca. Graças

o essa carie irreverente o lencinho fino tornou-se objecto de luxo e entrou na actividade dos passeios, das procissões, dos minuetos, onde elle era o succedaneo do leque, dobrado em ponta entre os dedos carregadinhos de anneis, de benjoim e de verbena. Era talvez a parte mais expressiva da *toilette*, o seu complemento precioso, com o nome da dona sublinhado a rendas caras.

Rendas...

Ha no Brasil, em terras do norte, umas rendeiras cujos dedos conhecem segredos de fadas. Rendas de lenços, fazem-nas tão bonitas e tão finas que se nos affigura impossivel terem sido tecidas por gente inculta, sem noção de desenho.

Quando se lê o apreço que em certos paizes dão, e agora mais que nunca, ás rendas feitas á mão, e como nelles cultivam essa prenda delicada, agremiando camponezas, dando-lhes mestres, fomentando uma industria que é ao mesmo tempo uma arte, receia a gente que as rendeiras do Norte, já velhinhas, deixem cahir os bilros dos dedos engelhados, sem que outras mãos, mais lépidas, os apanhem para continuar a tarefa interrompida.....

*
* *

Iamos pela rua do Senador Furtado. O dia estava lindo, cheirava a murtha. Subitamente começámos a ouvir gemidos, arrancados de uma grande afflicção. Mais alguns metros, e vimos agachada numa soleira de portão, com o busto cahido sobre os joelhos pontudos, uma negra cadaverica, que a tosse sacudia como o vento sacode um trapo. Sentindo gente, ella levantou a

cabeça, revirando os olhos pallidos para o céo illuminado. A aragem brincava-lhe com um farrapo de chaile, que ella franzia no peito com as mãos magrissimas e amarelladas. Parámos, e a voz d'ella explicou entre uivos :

— Foi o cock... foi o carvão de cock que me matou!

As palavras, interrompidas pelas guinadas da tosse, repetiram a queixa no mesmo estribilho recriminativo :

— Foi o carvão de cock que me matou!

Veio gente de dentro. Levaram-n'a em braços.

Ouviram bem? O cock é um assassino de mulheres. Mata pelo excesso de calor que desprende. Nunca me esquecerei d'aquella triste queixa irremediavel...

*
* *

Não é raro esbarrarmos na rua com uma menina, nessa edade indecisa, como diz o mestre :

> ... Que não é dia claro e é já alvorecer ;
> Entre-aberto botão, entre-fechada rosa,
> Um pouco de menina e um pouco de mulher (1).

E a impressão que se sente é sempre agradavel, se essa creatura tem a condizer com o resto de meninice,

(1) Phalenas, Machado de Assis.

que vae desapparecendo, e o começo da mocidade, que vem apontando, uma graça ingenua e um modo desartificioso de andar e de vestir-se.

Ah, mas quando ella passa empapada de essencias caras, de passo estudado e muito espartilhada, com meneios grosseiros e rosto empoado, vem a quem a olha um desejo absurdo de sacudir pelos hombros a mamãe inconsciente, e de lhe gritar aos ouvidos que a dôce creatura que o céo lhe confiou, e cujos passos ella segue como má pastora, vae carregadinha de ridiculo...

O artificio do pó de arroz é o véo benevolo para os rostos de quarenta annos. A pelle moça não precisa d'isso. A belleza das donzellas está na sua candura, na sua alegria natural, e sobretudo na sua simplicidade...

*
* *

Vi em uma revista franceza o retrato de uma velhinha que aprendeu a lêr depois dos setenta annos. Olhando-lhe para a cabecinha e para o rostinho todo sulcado de rugas, tive vontade de beijal-a.

A historia d'ella: Todas as manhãs costurava a septuagenaria juncto á janella da sua choupana, á sombra de um castanheiro que lhe dava perfumes na primavera, sombras no verão, fructas no outomno e ouriços para o foguinho do inverno.

Que mais seria preciso para a vida? O alphabeto não foi feito por Deus; e para amal-o e servil-o bastaria adorar a natureza. Entretanto, eis que depois de longos annos lhe cortam a frente da casa por um caminho novo, atalho para a villa, por onde o rapazio de uma aldeia proxima passava para a escóla.

A dôce velhinha, ouvindo todos os dias a tagarellice das creanças levantou os olhos da costura e voltou-os para o horizonte infinito...

Saber lêr seria tão util, que os pobres paes, cavadores sem vintem, se abalançassem a mandar os filhos todos os dias á escóla, com prejuizo do seu trabalho?

Alguns d'esses pequenos já sabiam lidar nos campos, e tinham força para mover a enxada ou guiar os bois... Com que duros sacrificios a mãe lhes compraria os sapatos e as roupas de ir ao mestre!

Esse exemplo fêl-a pensar que vivêra toda a sua longa vida de setenta annos, como um animal inferior, em que o pensamento mal animava a materia. A vida teria outros intuitos mais elevados que os de servir a carne com o alimento e o agasalho?

Dos seus dedos encarquilhados e tremulos a costura cahiu, e no dia seguinte ella se incorporou ao bando das creanças, a caminho da escóla.

Foi uma alegria. Os pequenos não riram. Emprestou-lhe, um, uma cartilha; outro offereceu-lhe uma taboada; e todos se sentiram muito honrados com aquella condiscipula de rosto franzido e cabello nevado.

No fim de tres mezes de uma applicação teimosa, a velha aldeã, escrevia a sua primeira carta á neta mais velha, que vivia numa colonia franceza da Africa. Nas suas garatujas aconselhava ella a moça a ir á escóla, para aprender a mandar-lhe noticias com a sua propria lettra.

As cartas escriptas pelos outros não são inteiramente nossas; nas lettras como nas palavras vae alguma coisa do ente amado e ausente...

*
* *

De vez em quando noticiam os jornaes : « ... Perdeu-se uma creança... Achou-se uma creança... »

E são sustos, lagrimas, afflicções ! Para prevenir taes confusões bastaria atar ao pescoço dos anjinhos uma medalha com seus nomes e moradas. Tal e qual como aos cãezinhos. Sim, porque as pobres creanças com as suas linguas de trapos, tão musicaes e incomprehensiveis, esforçam-se em vão, muitas vezes, por explicar a um desconhecido, que as encontra chorosas na calçada, de onde vêm ou para onde vão. Ha só uma palavra nitida no meio d'aquelle embaralhado confuso de syllabas entrecortadas de soluços : — *mamãe!* Querem a mamãe, cuja mão deixaram sem saber como, nem onde, nem quando, olhando tontas para a direita ou para a esquerda, sem noção do sitio, afflictas, tremulas, sondando com olhar ávido todas as portas, erguendo os queixinhos rosados para todas as janellas.

Estas scenas, aliás frequentes, sempre enternecem, e a cada pergunta que um transeunte commovido faz, no sentido de auxiliar e bem conduzir a pobre creaturinha, ouve sempre a mesma resposta — mamãe !...

— Em que rua móra? — Mamãe!...

— Para onde ia? — Mamãe!...

— Como se chama ella, a sua mãe? — Mamãe, mamãe, mamãe!

Por seu lado, a mãe volve á loja de onde saiu, julgando encontrar o filhinho embasbacado deante da mesma boneca; já não o encontra, sae tremula, — que o não pise um carro! — e, emquanto allucinada sóbe para a direita, interrogando toda a gente, olhando como louca para todas as lojas e todas as esquinas, elle desce para a esquerda, engrolando termos, segurando-se a todas as saias, contemplando com avidez e susto todas as mulheres.

E nós, que nada vimos, commovemo-nos no dia seguinte ao lêr nas gazetas: « ... Perdeu-se uma creança... »

***

Um dia encontrei em uma esquina o velho Dr. Serra, que, apezar dos seus setenta annos, gosta de observar as moças que passam. Disse-me elle:

Estou convencido de que o simples movimento de levantar o vestido exige uma graça muito particular. Ha senhoras que erguem a saia de um lado e vão com ella a rastos do outro, descrevendo uma linha diagonal, como se caminhassem de esguelha. Outras, não levantam coisa nenhuma, varrem as ruas com desassombro; outras, levantam de mais o vestido, mostrando as saias de baixo, que só devem ter o merito de se deixar adivinhar; outras, arrepanham as duas saias ao mesmo tempo, para mostrarem a toda gente os tacões das botinas; e é raro vêr-se uma que, reunindo as prégas da saia á mesma dis-

tancia da cintura, colha a fazenda sem distracções nem indiscreções, deixando apenas entrever o que se não deve mostrar. Eu já atinei com a arte. A mão que segura o vestido não deve estar nem muito alta, nem muito baixa, nem muito para deante, nem muito para tráz; de maneira que o braço caia naturalmente e não desenhe esses feios angulos agudos, que nos obrigam tambem a andar fazendo curvas. Realmente, as senhoras do meu tempo...

Pedi ao meu amigo que olhasse para outro lado e aproveitei a occasião para fugir-lhe, não sem a preoccupação de que elle se voltasse e me visse os tacões, ou a saia de esguelha...

Os homens são terriveis!

CHIROMANCIA

Uma bella tarde, a minha amiga Raphaela entrou arrebatadamente na minha saleta de trabalho e deixou-se cahir num tamborete, a meus pés.

— Que tens ? perguntei-lhe assustada, percebendo-lhe o terror no rosto, ordinariamente repousado.

Por unica resposta ella estendeu-me a mão espalmada e núa, e arregalou para mim os seus olhos claros, còr de violeta.

— Não percebo o teu gesto... roubaram-te o annel que *elle* te deu ?... Não abranges a oitava no piano e

desistes de o estudar? Terás rheumatismo nos dedos ?!... Bem; se não queres responder, vae-te embora, mas arranja primeiro o chapéo, que está torto, e modifica esse ar de quem foge de alguem que o persegue na rua...

— Ninguem me seguiu na rua... o annel que elle me deu está na outra mão...

E, como orvalho em violetas, borbulharam lagrimas nos olhos da pobre Raphaela.

— Se pudesses explicar-te...

— Escuta: venho da casa da Noemia Saldanha; havia lá gente de fóra, uns homens de quem já não me lembro do nome e um certo rapaz que lia nas mãos das senhoras a *buena dicha*, ou que melhor nome tenha. Quando eu entrei, a Saldanha disse alto, com os seus guinchinhos de macaca: « Olhem quem vem ahi! » e puxou-me com violencia para a roda, que se abriu muito amavel para me receber. O tal rapaz continuou nos seus prognosticos, que faziam rir a todos. Lia na mão da Sinhá Mendes coisas muito bonitas: que ella se haveria de casar com um moço que a adora... que ha de ir á Europa, que ha de ter tres filhos gordos, mansos, fortes e bonitos; que herdará uma grande fortuna de um parente afastado de quem não terá saudades; que terá lindos vestidos, bons carros, assignaturas no lyrico e que morrerá de velha, sem sentir, de uma syncope...

Todos riam; a Sinhá estava radiante! Com aquelle exemplo, eu fui insensivelmente desabotoando a luva e extendendo tambem a minha mão.

O rapaz tornou-se sombrio, á proporção que a observava. Como eu instasse para que dissesse a verdade,

fosse ella qual fosse, elle, muito constrangido, declarou tudo.

Disse que não me casarei, que terei bexigas, apezar de vaccinada duas vezes, e que ficarei marcada como um crivo; disse que a minha familia me abandonará e

que morrerei ainda moça, de um ataque, na rua! Vida tão feia não merece melhor desfecho!

Um ataque na rua! Que ignominia! Vê tu!

— E depois?

— Depois... que sou muito nervosa — e isto é verdade! — que tenho uma grande paixão... tambem é certo... que tenho excellentes qualidades de coração.

o que não me impedirá de morrer como um cão sem dono, na calçada...

— Que mais?

— Ainda querias mais?!

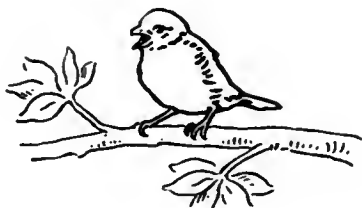
— Que respondeste?

— Fingi heroicidade, que é sempre o nosso costume; mas sabe Deus o que se passava cá dentro! Quando pude fugir, fugi. Os guinchos da Noemia perseguiam-me; a alegria da Sinhá irritava-me. A felicidade dos outros aggrava o nosso infortunio. Só hoje comprehendi isto. Por mais que eu olhe para a mão, para estes caminhos que parecem traçados na palma pela ponta finissima de um alfinete e por onde marcham os nossos instinctos, os nossos segredos e até o nosso futuro se esclarece, por mais que eu observe toda esta rêde complicadissima, não consigo descobrir nada! Se elle se tivesse enganado?! Mas não; vi que fallou com toda a convicção, disse a verdade. Eu agora já sei; abandono-me, acceito o meu destino, o meu feio destino de ser medonha, não ser amada e morrer numa calçada, á vista de quem passar na occasião!

— Não vês, minha tontinha, que te metteram num enredo? Vou apostar eu como o tal rapaz entende tanto de chiromancia como eu.

— Ah, a chiromancia é uma arte!

— E nas salas uma armadilha maliciosa á ingenuidade de certas moças... Quando tiveres algum segredo que não queiras vêr profanado, nem pela mais leve suspeita, abotôa bem as tuas luvas ao entrar em certas salas. Entretanto, fica certa de que não será nas linhas da mão que elle se mostre todo, mas no rubor das tuas

faces ou no pestanejar dos teus olhos, que serão consultados á proporção que se faça a leitura fatidica. Quanto ao resto, o rapaz, se não foi absolutamente delicado, não deixou de ter uma pontinha de espirito. Sinhá é feia, tu és bonita; ella roça pelos trinta annos, tu ainda não tens vinte, elle quiz egualar-vos momentaneamente, vestindo-te de desapontamento e illuminando a outra de alegria. Na tua edade os segredos são leves e faceis de adivinhar; em todo caso guarda-os comtigo, ou só para a confidencia amiga. O recato do sentimento, fortifica-o e ennobrece-o. E o coração de uma donzella não se deve devassar a todas as curiosidades... Elle é, como disse o poeta Vigny: *un vase sacré tout rempli de secrets.*

ARTE CULINARIA

Para saber comer, é preciso não ter fome. Quem tem fome não saboreia, engole. Ora, desde que o enfarruscador officio de temperar panelas se enfeitou com o nome de *arte culinaria*, temos uma certa obrigação de cortezia para com elle. E concordemos que é uma arte prodiga e fertil. Cada dia surge um pratinho

novo, com mil composições extravagantes, que espantam as *menagères* pobres e deleitam os cozinheiros de raça! Dão-se nomes litterarios, designações delicadas, procuradas com esforço, para condizer com a raridade do acepipe. Os temperos banaes, das velhas cozinhas burguezas, vão-se perdendo na sombra dos tempos. Fallar em alhos, salsa, vinagre, cebola verde, hortelã ou coentro, arrepia a cabelluda epiderme dos mestres dos fogões actuaes. Agora em todas as despensas devem brilhar rotulos extrangeiros de conservas assassinas, e alcaparras, trufas, manteiga dinamarqueza (o toucinho passou a ser ignominioso), vinho Madeira para adubo do *filet*, emfim tudo o que houver de mais apurado, cheiroso e... caro!

As exigencias crescem, ameaçam-nos e, sem paradoxo, somos comidos pelo que comemos. Isto vem a proposito de uma exposição de arte culinaria que se fez, ha pouco tempo, em Paris. Imaginem como aquillo deve ser encantador e appetitoso!

Quem já viu as vitrines das *charcuteries*, das *crèmeries*, das confeitarias, etc., e que sabe com quanto mimo e elegancia são expostos os queijos, os paios e os pasteis, entre *bouquets* de lilazes e fôfos colxões de papeis de seda bem combinados, crespos e leves como plumas, imagina que de novidades graciosas se juntarão no Palacio da Industria.

Naturalmente, cada expositor é um architecto e um artista na combinação das côres. Fazem-se castellos de biscoitos, torres engenhosas de chocolate, de crême, de morangos, onde tremulem, em crystalisações polichromas, as gelatinas de fructas ou de aves, reflectindo

luzes entre lacinhos de fita e flôres frescas, porque o francez tem a preoccupação gentilissima de deleitar sempre os olhos alheios.

Abençoada mania!

O que eu invejo não são as trufas, nem os *champignons*, nem o seu *foie-gras*, porque tudo isso temos nós aqui e mais muitas coisas que elles lá desconhecem. O que eu invejo é aquella facilidade, aquella graça das exposições que se succedem e se multiplicam e que não podem deixar de ser uteis, porque abrem a curiosidade e ensinam muito.

A cozinha franceza tem-se intromettido em toda a parte.

A Inglaterra oppõe-lhe forte resistencia com as suas batatas cozidas e presunto crú; mas a nossa, por exemplo, está muito modificada por ella. Entretanto, temos pratos caracteristicos, só nossos e que eu teimo em achar gostosos. Infelizmente falta-lhes o *chic*, o lado onde se possa atar a tal fitinha ou collocar o *bouquet* de violetas do inverno ou do *muguet* da primavera. O feijão preto com o respectivo e luctuoso acompanhamento não se presta por certo para a *coquetterie* de um adorno mimoso, mas nem por isso deixa de ser da primeira linha. Depois temos os pratos bahianos, o afamado vatapá e outros, quentes e lubricos, e o churrasco do Rio Grande, e o cús-cús de S. Paulo, e tantos que eu ignoro e que descobrem, demonstram, por assim dizer, as tendencias, o temperamento do povo.

Um paiz como o Brasil, tão vasto e variado, não teria proporções mais curiosas para realizar uma exposição neste genero?

Só de fructas, que, tratando-se da mesa, tem todo o logar, e de dôces... imaginem: fariamos um figurão! geralmente calumniam-se as fructas brasileiras e parece-me tempo de lhes irmos dando a merecida importancia. Não ha nenhum brasileiro que conheça todas as fructas do seu paiz. O europeu desdenha-nos nesse sentido; esquece-se de que em muitos logares do Paraná, Minas e Rio Grande, desenvolvem-se peras magnificas, damascos, cerejas, nozes, etc. E as fructas e as hortaliças indigenas? Innumeraveis! O que falta á nossa *gourmandise* é poder aggrupal-as, poder escolher, na mesma terra, estas ou aquellas, e isso só se poderá fazer se houver aqui, algum dia, como agora em Paris, quem dê importancia á mesa, e procure, por meio de exposições, facilitar esse ramo de commercio, educar o povo, e dar-lhe um elemento novo de prazer e de saude.

A exposição parisiense tem ainda um fito, e é a sua principal recommendação e a mais elevada, — é o de ensinar, por meio do exemplo, a cozinhar bem. Um dos seus cantos é occupado por *M. Charles Driessens,* que segundo leio, lucta ha dez annos com desesperada energia para fazer entrar o ensino da cozinha no programma do Estado. Este tal *M. Driessens* tem varias escólas de cozinha, e alli trabalham umas cincoenta discipulas, mostrando a toda a gente como se deve fazer um crême, estender uma massa, temperar uma salada, grelhar um bife ou enfeitar uns pézinhos de carneiro com papelotes e rosetas.

As senhoras não nasceram para fallar em camarões, carne ou palmito, em publico; mas, senhores roman-

ticos, lembrae-vos de que nem sempre nos bastam o brilho das estrellas nem o murmulho das ondas para conversar com as amigas!

AMULETOS

Foi numa das sextas feiras da Mathilde Abranches, que o seu medico, rapaz alliás sympathico, affirmou que os homens são maus por culpa das mulheres.....

Os dedos de Cecilia desfolhavam as notas levissimas de *Ma barque légère* e a meu lado Lydia sorvia o aroma de um botão de rosa. Bem comparado, fez-me lembrar um quadro ideal de Diana Cid; Lydia tambem estava de azul, como a formosa do « Perfume. »

— Por culpa das mulheres?! perguntou a voz em-

papada de uma mãe de familia, que tem por habito tomar a sério todas as conversas.

— Como desde o principio do mundo. Agora então a influencia da mulher é nefasta. A nossa sociedade cae rapidamente da sua modesta franqueza, que a fazia encantadora, para um *snobismo* que a torna ridicula. A preoccupação do *chic* estraga tudo. As pórtas já se não abrem como antigamente, e procuramos termos para as conversas mais simples!

Não ha naturalidade nem ha simplicidade. A virtude das mulheres, que era para as nossas culpas, como um tronco profundamente enraizado é para as lianas frageis — um sustentaculo que as eleva e ampara, sente-se abalada e já não nos inspira a confiança de outr'ora.

Como para Bruto, para mim a Virtude não é mais que uma palavra. Bebemos todos do veneno. Agora só o diluvio.

— Que mal lhe teriam feito as mulheres, sempre gostaria de saber.....

— Estragam tudo com a sua imprudencia, a sua *coquetterie* e o seu fanatismo. Basta olhar para uma mulherzinha moderna para a gente perceber que se preoccupa com feitiços e é supersticiosa. A quantidade de figas e de amuletos que traz ao pescoço, bem o prova. Em vez de nos ensinarem a sermos simples e cordatos, tornam a vida cada vez mais complexa e difficil.

— Exemplo?

— Nas minimas coisas elle apparece. Vá o exemplo: convidam-nos para um jantar familiar e dão-nos um

banquete em que vagueiam perfumes de flôres caras e cheiros de molhos complicados. Aquillo não é o trivial: logo, aquelle não é o jantar familiar. Quem ordenou e determinou o *menu*, não foi certamente o dono, mas a dona da casa. Portanto a atmosphera de falsidade que se respira naquella casa amiga, foi creada pela mulher.

— Ora ahi está! São os nossos maridos que trazem dos hoteis e das festas a que assistem a exigencia d'esses molhos complicados, d'essas floreiras odoriferas, do champagne ruinoso e dos crystaes variegados das mesas ricas. São elles que nos suggerem novidades de serviço; e vêm os senhores depois pôr a ridiculo a nossa pretensão! Geralmente não somos nós que compramos a prataria e as porcelanas. Que sabemos nós, as mulheres?

— O que adivinham. Oh! e o que as mulheres adivinham! Conheço uma que, sem ter ouvido uma unica confidencia, sabe que uma certa pessoa evita encontral-a, porque é vêl-a e logo nessa noite perder ao jogo!

— Esse alguem é o senhor. Vê? são os homens que jogam, que ficam amaveis se ganham ou mal humorados se perdem, que tem estragado a nossa alegria. Mas sempre quero agora que me explique: o senhor, que se ri das quatro folhas de trevo e dos corcundinhas de coral que trazemos ao peito, porque foge de cumprimentar uma senhora amiga só pelo receio de que esse encontro fortuito e rapido lhe traga o azar da fortuna?

— Males de raça, minha senhora, coisas que ficam da infancia. De algum modo precisamos mostrar que já fomos creanças. Creia que eu até adoro essa senhora!

— Adora-a e evita-a!

— Mas se ella tem *jetattura!*

— Use então de um expediente:

Quando a vir, pegue em qualquer objecto de ferro. Uma chave, por exemplo. Não traz uma chave comsigo?

— É bom?

— É magnifico!

— Não sabia!

A conversa embarafustava por um terreno amavel.

D. Mathilde confessou que deixára de se vestir de azul, porque essa côr lhe trazia infelicidade.

D. Joanna citou uma amiga que usava uma liga de cada côr, como *porte-bonheur*.

Quasi todos os presentes tinham a sua mania... voltou-se então alguem para o velho e sério dr. Braga e perguntou com um rizinho de duvida:

— O senhor tambem usa d'essas coisas?

Elle tirou do bolso um caquinho de vidro azulado e disse com seriedade:

— Isto. Podem examinar.

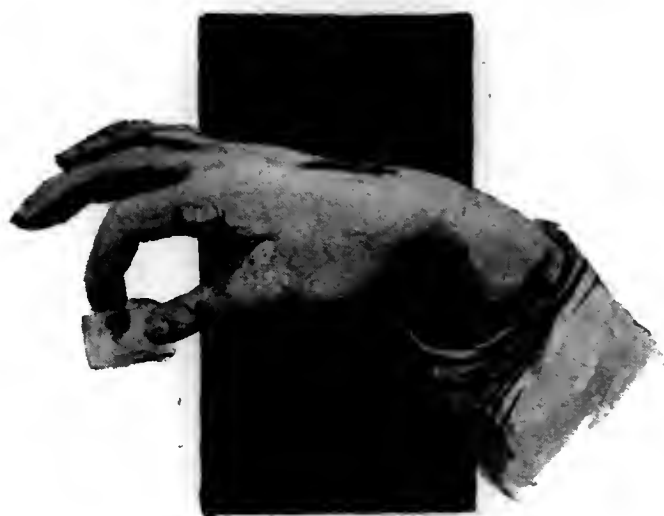
O pedacinho de vidro andou de mão em mão; olharam todos por elle para a luz e concordaram em que não seria facil encontrar outro tão ordinario!

Dr. Braga explicou:

— Pois, minhas senhoras e senhores, isto não é um simples amuleto, mas um talisman.

— Ainda ha d'isso?!

— Ha. Este chama-se o olho da tolerancia. Infelizmente, para se vêr bem por elle é preciso ter-se passado dos quarenta annos, ter-se gasto o bestunto em muitas observações e curvado a cabeça a duras exigencias da sorte... O olho da tolerancia, antes de censurar ou de

punir a culpa, penetra-lhe a causa, mais disposto a absolvel-a que a castigal-a... Tem a consciencia da fragilidade da alma. Antigamente eu sentia como um romancista philosopho que disse : « *plus j'aime l'humanité, plus je déteste l'individu.* » Hoje não ; o individuo delinquente é para mim um irmão fraco que devo amar de preferencia, porque todas as suas impurezas são consequentes de males, de cuja origem não é só elle o responsavel. O olho da tolerancia acalma o systema nervoso e exercita o coração na prática do bem. Quando me sinto arrastar pela indignação ou a colera contra alguem, respiro com força, sacco d'este caquinho, domino-me, e, para abater o impeto, olho atravez do vidro, reflicto, e uma grande piedade vem substituir o meu primeiro movimento de furia. Ah ! minhas senhoras, é que não ha nada como a tolerancia para dar repouso á inquietação das almas !

OS BEIJOS

⋄

FALLAM os senhores medicos contra os beijos, condemnando-os como transmissores de microbios assassinos. Miserias do sangue ou feias doenças incubadas passam invisivel e perfidamente de uma para outra creatura, no mais rapido ou subtil dos osculos.

— Não se beijem ! é uma das formulas modernas dos hygienistas ; resta-nos duvidar que elles, para exemplo, se submettam a essas leis de esquivança que apregoam... Porque, em verdade, quem haverá por todo este mundo vasto, por mais emmurchecidos que tenha os labios ou por mais secca que tenha a alma, que não sinta florir

no peito, com maior ou menòr viço, o desejo imperioso de unir a sua bôca a outra bôca amada ou de refrescal-a nas faces assetinadas de uma creança?

Fagulhas das labaredas em que nos consumimos, os beijos crepitarão por toda a larga face da terra, embora a sciencia contra elles asseste a ducha gelada dos seus decretos prohibitivos.

Não ha em lingua humana palavra que, como o beijo, exprima, por mais silencioso que elle seja, a ternura e o amor.

A bôca de um mudo diz tudo quanto ha de mais elevado e de mais vehemente, quando beija; no beijo está o unico triumpho da sua alma encarcerada!

Bem préga Frei Thomaz... Não se beijem! dentro do beijo, como dentro do calice de uma flòr de aroma capitoso, está muitas vezes escondido o veneno que nos leva ao ultimo somno. Cuidado... Quando taes palavras escrevem, esses senhores que só olham para a vida através das lentes dos microscopios, deverão sentir em si proprios o rugido da natureza offendida a clamar contra essa impiedosa verdade da sciencia.

A vida sem beijos! a vida sem beijos é como um jardim sem flôres, um pomar sem fructos, ou (que escorregue ainda mais esta velha comparação) um deserto sem oasis. Não valeria a pena prolongar a existencia á custa de tamanho sacrificio. Por assim entender é que a humanidade faz e fará sempre ouvidos surdos á theoria da suppressão do beijo. Para ella, elle não é tal o vehiculo da peçonha, a ameaça constante dos phantasmas terrificos de doenças asquerosas e tristes, coisa desvirtuada e malefica, mas sim, e por todos os

seculos dos seculos, o que d'elle disse um poeta meu amigo :

> « . . . . o sello da amisade
> E do amor! Elle só nos dá felicidade.
> Dois corações que o tedio ou o cansaço importune,
> Só um beijo de amor os levanta e reune.
> O beijo é vida, o beijo é luz, o beijo é gloria!
> Observae bem : vereis que o beijo é toda a historia
> Da humanidade. Foi o beijo primitivo
> Que na terra o primeiro homem tornou captivo
> Da primeira mulher; depois, ardente ou brando,
> Veio o beijo de amor as raças perpetuando,
> Unindo gerações a gerações, e unindo
> O passado ao futuro insondavel e infindo.
> O beijo é a transfusão das almas ; elle encerra
> Tudo que possa haver de divino na terra. »

Não é só o beijo perpetuador das raças que derrama na alma o clarão mirifico da felicidade. Quando uma mãe beija um filho, como que sente o seu coração maior que o mundo e mais victorioso que todos os hymnos do universo! Saberá alguem de coisa mais dôce nem mais pura, que o beijo da amisade?

Infelizmente, nem todos os beijos são :

> « Tudo que possa haver de divino na terra! »

Como diz o poeta.

É que Filinto de Almeida desconhece o horror dos beijos convencionaes, que só os labios femininos trocam entre si.

Para esses o rigor das leis scientificas deveria ser bem acceito... Que se beijem duas amigas que se esti-

mam, sim! Que por um enlevo de sympathia, uma mulher beije a outra em um primeiro dia de encontro, como um pacto de futura amisade, sim! Mas, que, sem espontaneidade de affecto ou sem velha estima, só por cortezia e obediencia ao habito, duas creaturas indifferentes, e que ás vezes até se desestimam, troquem beijinhos cada vez que se encontram... por Deus, nem é decente nem agradavel!

Por mais que a gente queira esquivar-se, não póde, sem incorrer em falta grave, furtar-se ao impulso com que certas damas attrahem as outras para o cumprimento da praxe. Que desastres, ás vezes, nesse movimento! abas de chapéos que se chocam, véos que se arrepanham, corpos que se contrafazem, e no fim: um chapéo torto, uma face babada, e no intimo uns resaibos de mel avinagrado.

A *graça* exquisita d'essa insistencia está muitas vezes em que a senhora que imprime á outra o puxão para o beijo, dá-lhe logo a face a beijar, face em que não raro desabotoam espinhas e quasi sempre o *cold cream* se alastra.

E não ha resistencia capaz de livrar uma creatura de

taes assaltos; quer queira quer não queira, ella ha de beijar e ha de ser beijada em plena rua, em plena luz, por pessoas a quem não a prende nenhum laço de affecto, ou mesmo de sympathia muito forte.

Sei que me atiro para dentro de uma casa de maribondos, fallando assim; pouco importa.

De resto, esta impressão não é só minha. Nenhuma mulher deixará de sentir revolver-se no seu coração um sentimento de desagrado, ao unir a sua bôca a outra bôca de que tenham sahido por ventura epigrammas que a firam ou indirectas que a molestem.

O beijo é uma coisa muito nobre para ser esbanjada assim, sem significação, em encontros de acaso, em qualquer canto de rua...

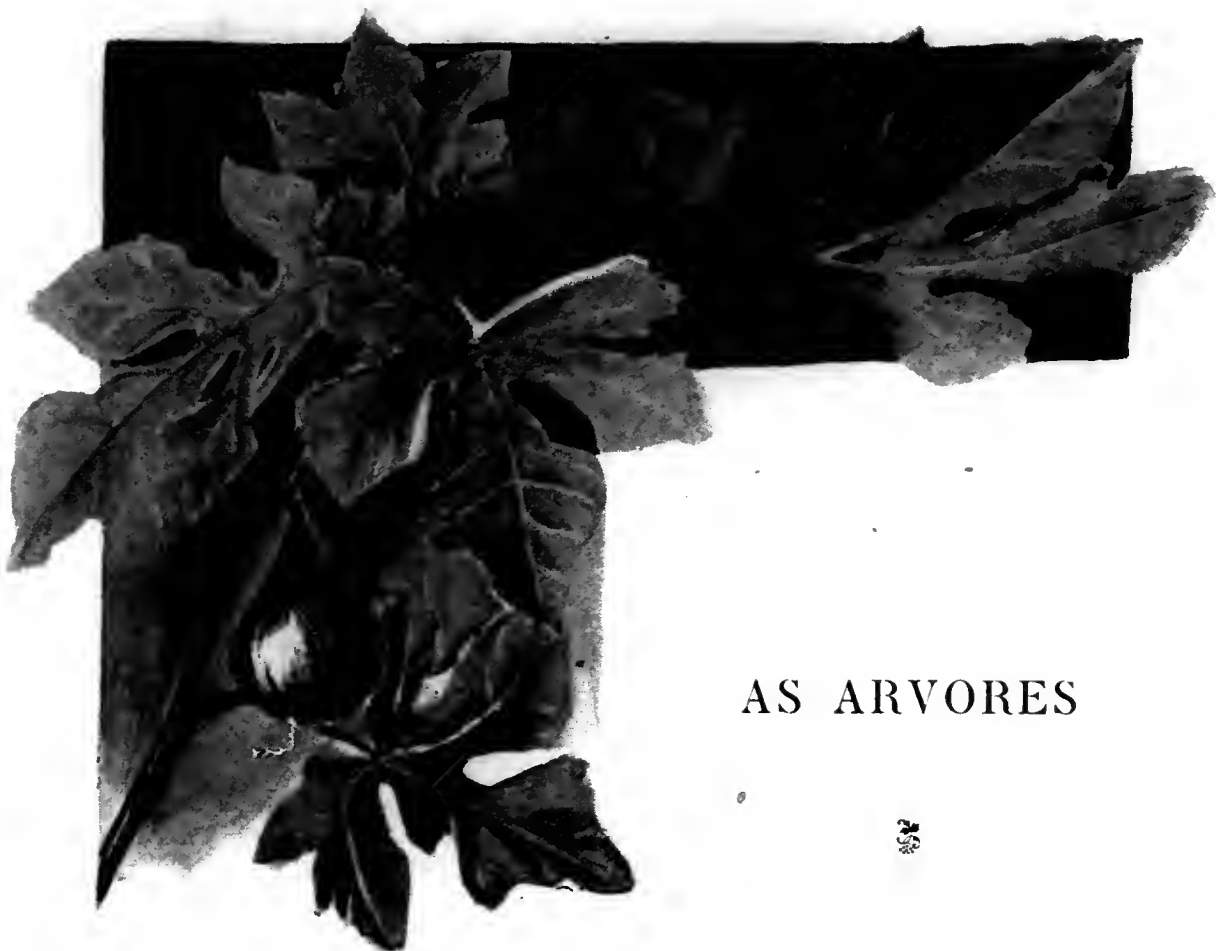
Para que elle seja suave e dôce, deve ser dado com a consciencia da amisade; do contrario, quando não é perverso, é ridiculo.

Não se diga que foi a nossa indole meiga e expansiva que inventou tal costume; elle foi importado, mas creio que já cahiu em desuso nas terras de que proveio. Pelo menos, as extrangeiras não se beijam entre si com tamanha effusão. Ellas desconfiam, talvez, de que perdem o valor os beijos de uma creatura que os dispensa a toda a gente, e por isso só os gastam em familia e pouco mais... Aqui, ao contrario, o furor do beijo a esmo tem augmentado; toda a gente se julga com direito a elle e o reclama num gesto imperioso, que não admitte recusa...

Em resumo, a minha opinião neste assumpto melindroso e terrivel é esta: não comprehendo a vida sem o beijo, como não comprehendo o beijo sem o affecto.

Como, emquanto houver mundo, ha de haver o amor, o beijo triumphará de todas as perseguições que lhe fizerem os senhores bacteriologistas.

Elles mesmos, depois de horas e horas passadas no interior dos seus gabinetes e dos seus laboratorios, ao levantarem os olhos, cansados das paginas dos livros ou das lentes dos microscopios, sentirão, para refrigerio das suas almas entontecidas pela vertigem de tantas miserias humanas, o desejo de as suavisarem num beijo, em que os seus labios impuros de homens encontrem a fresca innocencia da face de uma creança... E estou certa de que apressarão os passos, para irem beijar em casa os filhos pequeninos...

TERCEIRA PARTE

AS ARVORES

QUANDO, na margem lodosa do Tibre, os primeiros romanos plantaram a figueira, arvore da flôr saborosa e em cujas veias o leite escorre compacto e dôce, prestavam culto á lenda da sua origem, fazendo da planta como que o symbolo da patria. Naquella terra da febre, sem aguas puras, a arvore sorveu do solo a ardencia doentia que transmittiu depois, já purificada, á polpa sanguinea da sua flôr.

As abelhas que procuram de preferencia o mel do figo ao de outro qualquer fructo ou flôr, enxamearam depressa por entre as largas folhas escuras da arvore, em que legiões de insectos invisiveis punham um tom luminoso de vida e deram aos romanos, trabalhadores e simples, favos deliciosos.

A cheirosa figueira teve, com justiça, o seu logar sagrado no Palatino.

Naquelles tempos rudes, e em outros ainda de mais velha antiguidade, o respeito intuitivo pelas arvores era tamanho, que os homens as criam representantes de divindades. O carvalho, o loureiro, a palmeira e o myrtho, eram envolucros de deuses. Olhando para a corôa tufosa das tilias, sorvendo-lhe o aroma das pallidas umbellas esverdeadas, o grego ouvia suaves promessas de Venus, alma d'essa planta, tapetando-lhe de velludo as estradas da vida.

Este preito á arvore, que a poesia nativa e a crença pagã investiam de solemnidade, é para mim um dos encantos mais singulares da tradição.

Por fortuna de outros tempos, elle não ficou completamente extincto; não teve a França a sua arvore da *Liberdade*, fincada na terra da patria pelos soldados da revolução, que a cobriam de flôres e fitas tricolores?

Se hoje não ha arvores symbolicas, ha, entretanto, outras que o espirito do homem culto celebrisa. Não é raro vêr-se na Europa, mesmo em paizes de menor intellectualidade, uma arvore solitaria, secular, rugosa, em cujas raizes ninguem pisa, e que vive cercada por um gradil, para que não lhe toquem mãos irreverentes. Essa é uma arvore celebre, é uma arvore amada, porque abrigou um dia um dos heróes da patria. A municipalidade tem para ella cuidadissimos desvelos, o povo sabe-lhe a historia, e respeita-a só por ella ter dado frescura a alguem, que á sua sombra descançou de uma batalha cruenta ou escreveu versos immortaes.

Creio ter já lido que D. João VI, a quem nossa historia parece-me não ter feito ainda inteira justiça, tem a sua mais bella memoria na primeira palmeira do Jar-

dim Botanico, de cujas sementes nasceram os unicos adornos da Capital.

Dia formoso, aquelle em que o rei desceu do seu throno para, no rude mister de jardineiro, tocar com a mão macia a terra aspera e fertil da patria preferida. Suspeitaria elle que a alma da planta estrellada lhe perpetuaria a lembrança, melhor que as chronicas, tantas vezes confusas, tantas vezes mal interpretadas?

Talvez... Dizem que ouvindo ramalhar os mais velhos cedros do Lybano, que affirma a lenda serem contemporaneos de Salomão, alguns viandantes contemplativos creem sentir nesse sussurro toda a doçura do Cantico dos Canticos...

*
* *

Conta um escriptor portuguez, descrevendo um campo extrangeiro, que nelle havia *a dôce e pallida oliveira de ramagem meúda, que dá á paizagem um tom grego.*

Uma simples arvore accorda a ideia de um paiz e desenrola aos olhos de um poeta a vastidão de um sonho.

O pinheiro resistente á neve e querido dos povos scandinavos, traz á ideia planicies brancas em que a sua silhueta negra se destaca apontando para o céo pallido. É dos seus braços hispidos que se fazem as arvores do Natal, consagradas á infancia em nome de Jesus. Assim, o cypreste faz lembrar o cemiterio, e o bambual o lago da fazenda, em que os marrecos deslisam e o gado bebe.

Dir-se-ia que só por si a arvore delineia e fixa a physionomia dos logares. Nenhum viajante esquece os

castanheiros de Londres, que são vigorosos traços da sua austeridade e grandeza, nem as arvores tosquiadas de Paris, onde pardaes chilréam e a Primavera põe delicados rebentões côr de alface; nem as mimosas de Cannes e de Nice, esgalhando-se em ramos delicados de folhas pequeninas e botões côr de palha, tão accórdes com essas cidades elegantes e frivolas; nem tão pouco as luxuosas magnolias de Petropolis, em que as flôres se abrem como pequeninas urnas de ouro, capitosas.

Vendo os *algodoeiros* desgraciosos, inclinados e tortos como corpos doentes, e que por ahi ficaram com desegualdade em algumas ruas, tenho muitas vezes pensado na arvore que deveriamos escolher de preferencia para a nossa cidade. Deveria ser uma arvore pura, perfeita, indicada por eleição de artistas e conselho de sabedores.

O algodoeiro, com o seu aspecto desalinhado, sente-se contrafeito entre as duras pedras das calçadas e atira-se todo, numa attitude contorcida, para os lados ou para a frente, na ancia histerica do sol.

A palmeira, de que todos levamos a imagem no coração quando sahimos da patria, é inimiga da habitação do homem; quer a seus pés colchões de areia, ou extensos grammados sobre que derrube sem fragor o casco das suas palmas seccas.

Disse-me um dia um dos nossos melhores pintores, que, se tivesse poder para tanto, guarneceria toda a cidade de paineiras, a arvore das estações, que antes de desnudar-se se purpurisa em flôres.

Eu gostaria de vêr nas florestas que atapetam os morros e cingem a cidade, mais d'esses maravilhosos *flam-*

boyants de ramalhões escarlates, que são a gloria dos nossos verões ardentes. Que arvore ha mais pomposa, quando se reveste de folhas e de petalas?

Mais que aos coqueiros, de palmas flabelladas, mais que todos os especimens da floresta e que todas as arvores de pomar, de flôr cheirosa, eu adoro a mangueira, a mangueira selvagem, grande, tranquilla, onde a herva parasita se enleia e pende, onde o ninho se occulta e que parece guardar em si esse mysterio dôce que fez com que os homens da antiguidade julgassem algumas arvores envolucros de deuses.

Cada cidade deveria ter o seu conselho de sabios e de artistas que lhe estudassem o clima e, de accordo com a sua physionomia, lhe escolhessem a arborisação severa ou delicada.

Um viajante, num traço rapido e firme, pinta-nos o valor do povo do baixo Canadá. Como? Revellando-nos o seu amor por uma arvore, que elle planta como um emblema da sua belleza e da sua fortuna — o *érable.*

Planta-o, e não deixa arrancal-o, nenhum machado cruel lhe amputa os braços vigorosos, nem lhe lanha o tronco, porque as iras do povo, que são como as iras de Deus, cahiriam em côro sobre a mão que o brandisse.

Arvores bondosas da minha terra, sob a cupula illuminada do céo, no supremo jubilo do sol, sacudi as vestes de esmeralda e deixae cahir no chão da floresta a chuva benefica da vossa sementeira. Nem sempre o homem será cego: dia virá em que a vossa belleza imperiosa e dôce faça cahir o braço que tente erguer contra vós o afiado gume de um ferro.

Entretanto, perdoae-nos o mal que vos fazemos e sabei que entre tantas vozes perversas ou indifferentes, sempre ha algumas que, como a do poeta Alfredo de Musset, peçam a vossa sombra para sua sepultura.

FLÔRES

Escrevo estas linhas pensando em minhas filhas. Ellas me comprehenderão quando forem mulheres e plantarem rosas para dar mel ás abelhas e perfume á sua casa.

Em maio de 1901 resolvi organizar para setembro d'esse mesmo anno uma exposição de flôres no Rio de Janeiro, a primeira que se faria nesta cidade. Se faltava originalidade á lembrança, visto que exposições de flôres fazem-se todos os annos em terras civilisadas, sobrava-lhe o interesse, a curiosidade amiga que sempre tive pelas flôres e o desejo de as vêr muito amadas na minha terra. Referir-me a essa exposição

é para mim um sacrificio; mas não quero omittir tal capitulo neste livro de mulheres, presidido pelo olhar das minhas filhinhas, a quem pretendo insinuar o amor das plantas, como um dos mais suaves e melhores da vida.

Dizem que as palavras voam e que as obras ficam; mas ha obras que o vento leva e que só na palavra fugitiva deixam a sua lembrança... Não fallarei da exposição mallograda, por ella nem por mim, mas pelos seus intuitos, que eram multiplos e que continúo a achar excellentes. O que foi acabou. Deite-se-lhe em cima a terra do esquecimento; agora o que ella seria poderá ainda ser, e é nessa hypothese que tem cabimento esta insistencia. O que eu esperava d'essa exposição era isto só :

Que fosse o inicio de outras mais bellas, que iriam aperfeiçoando as especies estimadas dos nossos jardins e descobrindo os thesouros dos nossos campos e das nossas florestas. Quantas flôres vicejam por esses sertões, dignas de figurarem nos salões mais exigentes! Eu mesma, que nada posso, guiada por uma rapida visão da meninice, não mandára vir do interior de S. Paulo uma flôr que, se tivesse a desgraça de pensar, não imaginaria nunca vêr o seu nome em um catalogo? Com o prestigio da exposição, quantas pessoas trariam a concurso lindas flôres ignoradas, e ignoradas porque são brasileiras?

Não sou dos que pensam que não devemos acceitar nem pedir arvores extrangeiras, desde que temos flôres e arvores com tamanha abundancia em nosso paiz.

As coisas bôas e bellas nunca são de mais, e ha

ainda a accrescentar a essas duas qualidades a utilidade especial de cada planta.

Todavia, devemos indagar bem do que temos em casa, antes de pedir o que só julgamos haver na alheia.

Uma das principaes preoccupações da exposição seriam as orchideas, de tão melindroso cultivo e demorada floração. O catalogo mencio-

naria com o maior cuidado todas as variedades apresentadas no certamen, raras ou não. Ah, no artigo das orchideas havia paragraphos que valiam capitulos pelas suas intenções.

Imaginae que se aventava a idéa de fundarmos no Rio um pavilhão para exposições permanentes, em que a orchidea seria protegida e defendida como um thesouro. .

Faz rir a idéa, não é verdade? Nesse pavilhão, organizado por competentes, todas as orchideas vindas dos Estados proximos, para exportação, seriam sujeitas a um exame para o competente passaporte... Esta prática, que á maioria parecerá absurda, seria considerada naturalissima, se o respeito pelas orchideas, que são as joias das nossas florestas, já tivesse sido implantado no povo. Ha orchideas e parasitas que tendem a desapparecer, pela devastação arrebatadora com que naturaes inconscientes e extrangeiros especuladores as arrancam das arvores para as metterem nos caixotes em que as mandam para os portos europeus. Póde dizer-se que é nas estufas da Inglaterra, da França, da Hollanda e da Allemanha e até da Republica Argentina, que se vêem as mais bellas flôres do Brasil! Não seria justo que, exportando as variedades mais raras das nossas orchideas, guardassemos d'ellas, na capital, exemplares que garantissem a sua reproducção no paiz e abrilhantassem a exposição permanente, visitada ao menos por todos os extrangeiros em transito?

Mas a nossa attenção não estava voltada só para as orchideas.

Cada dia da exposição de flôres seria dedicado a uma das especies mais estimadas entre nós.

Teriamos um dia só para rosas. Em roseiras ou cortadas, nessas flôres se concentraria a attenção do jury, constituido pelos nossos mestres de botanica e pelos donos dos principaes estabelecimentos de floricultura do Rio de Janeiro. Nesse dia apurar-se-ia, aproximadamente, a quantidade de variedades que temos d'essa flôr, para estabelecer depois a comparação com as que se apresentassem em exposições consecutivas. Tudo isso ficaria consignado em um livro, documentado por nomes conhecidos e insuspeitos.

Assim como as rosas, os cravos não teriam razão de queixa.

Têm reparado como a cultura de cravos se tem desenvolvido e embellezado no Rio de Janeiro? Acreditava-se antigamente que essa flôr, uma das mais originaes, se não a mais original, só desabrochava bem em Petropolis, em São Paulo e não sei em que outras terras. Pois estavamos enganados. Nem mesmo do alto da Tijuca são esses formosos cravos que ahi estão de tantas côres variadas e tão opulentos de fórma; são do valle do Andarahy; são do Engenho Velho; são dos suburbios; são de Santa Thereza, etc. Quem tiver um canto de jardim, um peitoril largo para vasos de barro, um pouco de terra, póde com segurança semear os seus craveiros; as flôres virão.

Como incentivo, a exposição distribuiria mudas de crysanthemos a um certo numero de moças, emprazando-as a apresentarem na estação d'essa flôr a planta florida para uma exposição, em que seriam distribuidos os premios do primeiro certamen.

Inoculando o gosto pela jardinagem, ella desen-

volveria a cultura de uma flòr brilhante e a que o nosso clima é favoravel

Nessa primeira exposição, teriamos, além de conferencias estimulando o amor das plantas, mostrando-as em todos os seus multiplos aspectos seductores, lições de jardinagem prática

Essas lições, dadas com a maior simplicidade, sem termos emphaticos, por um homem illustrado e amigo das flòres, nos ensinariam como deve ser preparada a terra para o jardim, como se devem fazer as sementeiras e as podas e os enxertos e matar os pulgões, e crear rosas novas e transformar as variedades mais conhecidas, e pulverizar de agua fresca os altos troncos das orchideas, etc.

Com essas coisas pensava eu prestar simultaneamente dois serviços, á cidade, demonstrando a possibi-

lidade de se fundar aqui uma escóla para jardineiros, e ás moças a quem o tempo sobre para essas brilhantes phantasias. A jardinagem fornece ensejo para distracções e estudos proprios para mulheres.

E, depois, que encanto o de vêr-se o nome de uma senhora ligado ao de uma rosa!

Em todas as capitaes do mundo civilisado ha o culto da flôr. Ellas symbolisam as nossas grandes alegrias, como as nossas grandes tristezas, imagens materializadas das maiores commoções da vida. Nas alegres visitas de bôas festas e de anniversarios, ou nas romarias para os cemiterios, as flôres exprimem o jubilo ou a saudade, tão bem como a lagrima ou como o sorriso.

Na Allemanha, disse-me uma amiga que por lá andou viajando, ha nas portas dos hospitaes, em dias de visita, floristas com ramos para todos os preços; abundam os baratinhos, de flôres agrestes ou mais vulgares. Naturalmente, quem vae vêr um doente de quarto particular, escolhe as camelias mais puras ou os narcisos mais raros; para os pobres e os indigentes das enfermarias publicas vão *bouquets* modestos e pequeninos, comquanto vistosos e alegres.

Que é aquillo? Um pouco de poesia e de primavera, que vão errar com o seu aroma e as suas côres vistosas e alegres naquelle ambiente triste e aborrecido. O olhar desconsolado do doente encontra naquillo um pouco de distracção e de consolo.

É assim que nós precisamos gostar de flôres. Gostar tanto, que ellas sejam para nós uma necessidade; tanto, que até o povo das enfermarias gratuitas não

ache mal empregado o tostãozinho com que as adquira! E aqui é tão facil cultival-as, Senhor!

A arte do ramilhete, tão adorada no Japão, segundo affirmam as chronistas de lá, e que é com certeza uma das mais delicadas que uma mulher póde exercer, era chamada a concurso em um dos dias da exposição. A moça que fizesse o ramo com mais harmonica combinação no colorido e de fórma mais elegante, seria premiada.

Uma das mais curiosas velleidades d'essa exposição era o interessar-se pelo typo das floristas da rua, procurando induzir a transformação das do Rio de Janeiro, que não é positivamente encantador. Para isso obteria tambem um concurso, em que os nossos pintores e desenhistas apresentassem figurinos de accôrdo com o nosso clima para floristas ambulantes. Isso naturalmente constituiria uma galeria de problematico aproveitamento; em todo caso, muito interessante. Lembrava mesmo o alvitre de offerecer a exposição os primeiros trajes aos que se sujeitassem á experiencia. A exposição seria gratuita para as creanças, tendo mesmo um dia destinado ás escólas.

Nunca imaginei que fosse preciso ensinar a amar as flôres, que as creanças saudam desde o berço, articulando, ao vêl-as, syllabas incomprehensiveis, e agitando para ellas com enthusiasmo as mãozinhas! No emtanto parece-me que o culto da planta deve entrar na educação do povo. As exposições de bellas-artes ensinam a amar os quadros e as estatuas; é bem possivel que o amor dos europeus pelas flôres tenha sido despertado e aperfeiçoado pelas exposições de flôres, que se fazem na Europa duas vezes no anno, uma no outomno, outra na primavera.

Deixei de reproduzir muitos pontos do programma da primeira exposição, taes como a batalha de flôres, com que ella se encerraria, a indicação das flôres mais aproveitaveis para a distillaria, etc. Bastam estes que ahi ficam para demonstrar que a belleza e a utilidade andam ás vezes de mãos dadas!

Se eu fui infeliz, outras serão felizes na mesma batalha e pelo mesmo ideal. Das minhas esperanças decepadas brotem novas esperanças em almas mais novas e capazes de emprehendimentos de mais forte enverga-

dura. É para atiçar essa chamma que escrevo estas linhas tremulas, porque agindo adquiri a certeza de que nesta terra bastam para executar grandes obras só duas coisas : energia e vontade.

HARMONIAS

TUDO é musica na natureza, até as ostras cantam! Cada dia que passa nos traz uma surpreza magnifica. Esta, que talvez não tivesse commovido ninguem mais, fez-me cair das mãos estupefactas o *Jornal do Commercio,* em que ella veio fixada, como affirmação de um sabio professor, *cuja palavra não póde ser posta em duvida*.

Mal haja quem fizer ouvidos surdos a uma tão bella

revelação da poesia universal. Esse será de um materialismo indigno d'este seculo, que ha de ser todo cheio de sublimes divulgações. Digam embora que tudo é velho e revelho no mundo inteiro. Mentira; ahi está a prova: as ostras têm voz, em que expandem as queixas da sua

alma com « gritinhos agudos, seguidos de murmurio suave mas expressivo ».

É assim que diz a noticia. Ora, onde ha expressão ha sentimento, logo esses gelatinosos moluscos, feios e informes, tão repugnantes o tão saborosos, dão para a divina harmonia dos dias e das noites o seu contingente ignorado de soluço ou de riso!

Não bastava á ostra ser mãe da perola. Tal gloria

não a elevou nunca no pasmado conceito das multidões. Essa preciosa concreção calcarea que as mulheres adoram e os ourives exploram, é, bem como o aljofar, o nacar e a madreperóla, de tamanha impassibilidade, que nunca suspeitamos, por via d'ella, que na concavidade das conchas em que a ostra se espapa, molle e gommosa, resoasse a voz do goso ou do soffrimento!

Foi preciso que a orelha, naturalmente cabelluda, de um grave e sabio professor se inclinasse para as anfractuosidades de um rochedo, para que o divino mysterio da alma ignorada do molusco se revelasse ao mundo.

Se as palavras que esse facto denunciaram, em vez de terem sido pronunciadas solemnemente em um — congresso de pesca — por um homem cogitador e insuspeito, tivessem saltado da lingua da Sirineta, que foi feita *per contare solamente* as bellezas do mar, de que é o espirito, a gente levantaria os hombros com o sorriso com que acolhe as mais lindas phantasias e iria continuando a comer ao almoço, sem remorso e com appetite, as famosas ostras cruas.

Mas d'aqui em deante ja virá uma pontinha de desgosto amargar esse prazer maldoso. A gotta de limão que contrahir o molusco ainda vivo, nos dará a sensação de que estamos a espremer torturas sobre um ser digno da nossa veneração, porque sabe conhecer o sacrificio!

Antes de a metter na bocca é preciso aproximar do ouvido a ostra que temos de deglutir.

Foi esta a nova preoccupação que inventou o tal senhor sabio, como se já não tivessemos tantas! mas,

não faz mal! ficamos assim sabendo que não ha na creação nada que seja absolutamente mudo.

Quantas e quantas vezes a litteratura allude ao decantado *rumor do silencio*, que nos traz da solidão dos campos ou da vastidão das aguas murmurios fraudulentos de ignota magia? Foi talvez num d'esses instantes em que a orchestra universal toca em surdina, que o sabio investigador, deitando-se sobre a areia fofa de uma praia, junto a uma velha rocha ostreira, percebeu a tenue voz dos moluscos atravez as camadas das conchas sotopostas.

Vamos, que a surpreza não devia ter sido pequena, nem tampouco desagradavel. Não tardará muito que alguem nos venha dizer o diapasão em que cantam essas pobres enclausuradas, cujo estylo trará á mente, já presumo! a fórma de um hymno sacro... O passo rude está dado; sciencia e acaso, de mãos dadas, descobriram o segredo das ostras; ellas cantam, e um homem, naturalmente barbado e muito serio, como convém a um sabio e grande professor, cuja palavra não póde ser posta em duvida, teve a coragem de o declarar em uma sessão de congresso. O principal está feito; o resto virá depois.

Virá depois, mas levará seu tempo. A interpretação da musica e a sua definição estou vendo que não é coisa facil!

Ainda ha pouco, uma pessoa que estimo e cuja opinião em musica acato como a melhor, me disse que a opera *Saldunes* tem muita belleza e larga inspiração. Alegrei-me; mas a par d'esta, quantas me disseram que não a tinham entendido?

Não entender! mas a musica não é uma lingua extranha, que se precise traduzir com diccionarios! Ai d'ella, se assim fosse; deixaria então de ser arte divina para ser fria sciencia; deixaria de ser a grande pacificadora, tão necessaria ao atribulado coração humano, para ser uma coisa impenetravel e rigida, a que só com esforço as multidões chegariam.

A maioria do publico que vae ao theatro ouvir uma opera, não trata, por incompetente, de averiguar se ella é feita d'esta ou d'aquella maneira, se a sua instrumentação obedece a todos os primores de uma orchestração opulenta, se a sua tessitura é perfeita, e as suas harmonias bem combinadas.

O que elle vae buscar lá é a emoção, o sentimento que transbordará e se evolará da musica com a espontaneidade perturbadora com que o perfume sae de uma flôr!

Parece-me que a arte, a não ser para os artistas, não é coisa que se entenda, mas que se sinta. Que importa á maioria que os processos por que tal partitura é feita, sejam complicados e ella dolorosamente trabalhada, se do seu conjunto espinhento e bravio não voou nem uma phrase que lhe fizesse vibrar os nervos impassiveis?

Em verdade é muito frequente ouvir-se dizer: eu não gostei d'esta ou d'aquella opera, porque não a entendi.

Essa modesta confissão de incompetencia, que, aliás, só é feita em relação á musica, visto que para as outras artes toda a gente se julga habilitada e com direito a uma critica definitiva, deve, até certo ponto, consolar os maestros...

Ah, deante das harmonias da natureza é que não ha

tanto embaraço: ellas entram-nos pela alma a dentro sem que para isso tenham de forçar o entendimento. Quem comprehenderá jámais a contextura d'essa grande opera em que tomam parte desde o asqueroso sapo dos brejos, até á sentimental patativa dos laranjaes?

Ninguem; e todavia todos a sentem e a adoram. É por isso que, por sobre as areias movediças ou ás asperezas agrestes dos rochedos mudos, roçam na avidez de uma curiosidade insaciavel as cabelludas orelhas dos sabios naturalistas.

Certos de que neste velho mundo tudo é novo, os seus ouvidos esperam ainda, esperarão sempre, surprehender no proprio seio das coisas mudas, vozes ignoradas e perfeitas.

Esta, que o grave professor do Congresso de Pescaria descobriu nas ostras, é devéras extraordinaria! Como os cysnes, o viscoso molusco desprende na hora extrema, após um grito agudo, um canto suavissimo...

Haverá quem, depois d'isto saber, ingira sem commoção e sem remorsos as saborosas ostras crúas, crúas e vivas?! Não!

UM TESTAMENTO

É NO nome de Rothschild que aos olhos do mundo se incarna a idéa da riqueza. A lampada de Aladim, de que cada um de nós tem na imaginação uma copia, arranca-lhe de cada syllaba uma chispa de pedra preciosa. Elle é o distico de um thesouro accumulado com avidez judaica através dos tempos e de que só desabam catadupas de ouro quando solicitadas pela

volupia do negocio. Elle é a gloria da raça, a ventosa terrivel sugando energias de hebreus e submissões de christãos, e é o senhor do ouro que, como o mar, recebe de todas as nascentes, e de agua turva com agua limpida faz a mesma onda que estrondeia em espumaradas de prata.

Rothschild não é uma entidade, é um symbolo — o

dinheiro. Elle faz tremer as nações, vê a seus pés os mais nobres governos e finca no mundo as suas garras formidaveis, enterrando-lh'as até ao amago, bem como o abutre enterra as suas na carne tenra de um cordeiro.

Como o fragil animal, o mundo sangra, — na agonia do proletario, do faminto, do sem vintem, para cujos olhos o capital é o roubo, e que ahi estão rugindo mais alto que o balir tremulo do cordeirinho na afflicção da morte...

Rothschild! Póde ser amado este nome luminoso e que retine com uma tão ampla sonoridade de ouro? Diria não, se a leitura de um testamento me não viesse provar que elle não quer dizer unicamente : metal, negocio, lucro. É pois certo que Rothschild é nome de homem!

*
* *

Tenho observado, talvez mal, que o egoismo humano em nenhuma formula tão bem se evidencia, como na testamentaria. Pessoas riquissimas e cuja fortuna ao serviço de um coração generoso se podia expandir num largo circulo, fazem testamentos em que concentram todos os haveres nos seus herdeiros da lei ou em pouquissimos mais. Assim, ninguem que as não tivesse conhecido em vida as diria capazes de matar com um bocado de pão duro, a fome de qualquer mendigo que lhes batesse á porta.

Toda aquella fortuna parece ter sido passada a outrem a contragosto, de olhos fechados, num mergulho inevitavel.

É bem difficil fazer-se um testamento, visto que é tão raro apparecer algum em que a justiça, a ternura e a humanidade transpareçam.

Entretanto, nenhum acto póde ser mais consolador nem mais bello para um homem de grande fortuna e largo espirito, do que esse de espalhar, após o seu completo desapparecimento da Terra, o bem estar e a alegria por um punhado de gente que soffre e que trabalha.

É ainda a maneira que os ricos têm de se fazerem perdoados de bens, adquiridos muitas vezes pelo seu proprio esforço, mas que nem por isso deixam de ser mal vistos pelos que nada alcançam...

Rothschild! é de Adolpho Rothschild o testamento glorioso, que li em um jornal e onde ha legados commovedores.

Se houve culpas nos seus antepassados, este homem de bem redime-as todas nestas paginas de clemencia. Sem apagar um unico beneficio que o coração decretára no primeiro impulso, elle quarenta e quatro vezes alterou o seu testamento, para desenvolver, accrescentar os soccorros que a observação da vida lhe ia suggerindo.

Sem fallar nos asylos, hospitaes, escólas e museus, para os quaes deixou montões e montões de dinheiro, milhares e milhares de contos; sem commentar a abundancia das verbas destinadas á manutenção dos institutos, onde a raiva e o croup encontram linitivo e remedio, destacarei os legados que me pareceram mais reveladores de um coração raro. Este, por exemplo : determinou uma quantia para auxilio de moças pobres que vivam do seu trabalho. Isto não tem

o valor banal da caridade atirando dinheiro aos pobres como migalhas aos peixes; encerra uma ideia de acoroçoamento, de estimulo, de applauso, é como um carinho fraternal, que não será recebido sem lagrimas.

O grande argentario pensou na operaria sacrificada, na laboriosa filha do povo, para quem só têm olhos a concupiscencia e a perdição, e atirou-lhe um adeus de amigo, que tão raramente o homem dá á mulher, e que seria sempre o mais suave esteio para as suas fraquezas...

Não é menos encantador, na sua simplicidade, o beneficio aos animaes em geral, cuja sorte triste procurou minorar. Assim, os cavallos que tenham trabalhado, chegado o instante inevitavel da decadencia ou da ruina, não serão aproveitados em misteres brutaes,

em que o seu pobre corpo esfalfado vergue ainda no interesse do dono egoista.

Chegamos ao ultimo legado, que eu não classificarei, porque toda a sua philosophia adoravel falla por si. É simples:

Adolpho Rothschild, deixou a uns tantos sacerdotes velhos, de qualquer religião, somma que lhes permitta exercerem tranquillamente em França o seu ministerio.

Esta lembrança abre-se aos meus olhos como uma flôr até hoje desconhecida. Nem a côr, nem a fórma, nem o aroma denunciam a semente que lhe deu origem, tão sabido é que a tolerancia absoluta raro germina na Terra.

Cada um de nós pensa que da nossa religião é que ha de vir a felicidade ao mundo, porque só ella é perfeita e é verdadeira. Balsamos que outras derramem, que nos importam, se nem ellas são justas, nem os seus filhos nossos irmãos?

Guerreêmo-nos, matemo-nos em nome da nossa Fé, que será um dia a de todos que nós tivermos vencido ou que vierem ao nosso chamamento. A esta idéa turbulenta, desorientadora e triste, responde a voz serena d'aquelle paragrapho, em que um judeu offerece amparo a velhos sacerdotes pobres, catholicos, israelitas ou protestantes, para a sua manutenção, aconselhando ao mesmo tempo aos seus descendentes, que lhe sigam o exemplo de tolerancia e de liberdade religiosa.

Pouco importa o culto; é ao homem que elle estende o bordão para qualquer dos caminhos que vão ter á felicidade e de que tantas pessoas se extraviam...

Será curioso vêr-se um dia, em uma aldeia de França, esta velha França tão irriçada e de tão má catadura para com os judeus, um sacerdote catholico e velhinho, ensinando ás suas ovelhas rudes a murmurarem com doçura o nome de Rothschild...

Quando os seus sapatões ferrados se imprimirem na neve dos caminhos em soccorro de um agonisante; quando o sino do seu campanario repicar na madrugada clara; quando as creanças se ajuntarem á sua porta para o cathecismo, com as mãozinhas carregadas de favos de mel ou de cerejas para o senhor padre-mestre; quando as suas mãos tremulas de ancião ligarem para o futuro e para o amor as mãos de um casal moço e robusto; quando os seus labios murchos consolarem com palavras de perdão e de esperança uma peccadora, ou quando a sua face enrugada e pallida sentir o afago agradecido do aleijadinho que ninguem ama, o bom pastor de almas terá a visão perfeita de que o velho judeu Rothschild lhe sorri do céo!

Assim seja.

ORPHÃOS DE HEROES...

NINGUEM ignora quanto é assombrosa a imaginação e como é intelligente a pertinacia dos inglezes e dos americanos na concepção e na expansão dos seus annuncios e reclamos. Não lhes bastando os avisos que inserem nos seus jornaes de grande tiragem, ávidamente lidos por populações que têm mais almas do que formigas têm os maiores formigueiros dos nossos jardins; não lhes bastando os cartazes com que enfeitam as suas cidades, aquelles formidaveis cartazes de fundo vermelho e luzidio, com figuras negras (negros ali só

pintados...), em que num sig-zag de raio, rabeia de alto a baixo, em caracteres amarellos, o nome da droga exposta; não lhes bastando os milhares de bilhetes que espalham tumultuariamente pelos seus theatros, salões publicos, *gares*, vagões, avenidas, cervejarias, etc., elles remettem com a mesma furia para os mais longinquos pontos do globo, cartões, livros, folhetos, mappas, chromos, pastas, com uma prodigalidade que chega a ser offensiva.

É imperturbavel a seriedade e a convicção com que esses senhores affirmam aos povos de todas as raças, a superioridade das suas industrias. O que nós não seriamos capazes de fazer com uma fileira cerrada de pontos de exclamação e ainda outra de *ahs* e de *ohs*, acompanhados pela regia magnificencia de muitos adjectivos pomposos, elles fazem com uma phrase secca, onde engastam um superlativo esmagador e positivo.

A tactica do annuncio não está, pois, na palavra, está no vehiculo em que ella vem assentada. Reproduzisse um commerciante, menos negocioso que idealista, um verso de Shakspeare em um papel barato, feio, facil de amarfanhar, e a phrase maravilhosa, que lhe servisse de epigraphe ao annuncio, escorregaria pelos boeiros das ruas ou para a caixa do cisco dos quintaes, sem ter logrado attrahir a attenção de ninguem.

A habilidosa insinuação do annuncio está na bôa qualidade do seu papel, na nitidez do seu typo, na variedade das côres em que está impresso, no seu asseio, emfim.

Comprehende-se a manha.

Quem terá a coragem de atirar para a cesta dos

papeis rasgados um livrinho, em que, sobre o marroquim bem imitado da capa, brilha um emblema dourado, e que, por pequeno e elegante, mais parece uma carteira de lembranças amaveis, do que um catalogo de chapas e de fogões!? Aberto o livro, o desencanto é completo; nas suas curtas paginas assetinadas não ha segredos, mas uma imposição clara de fabricante, chamando sem cansaço a attenção da gente para os seus productos, sempre com a mesma phrase, cem vezes repetida, e em que ainda na ultima pagina se sente folego para outras tantas affirmações.

É de se ficar agoniado! mas os inglezes e os americanos não ficam, e continuam na sua ambiciosa propaganda, a exportar para as cinco partes do mundo em annuncios de toda a especie, a dôce e encantadora effigie das suas creanças louras, vestidinhas de azul, com margaridas, ou gatos brancos no regaço.

Que vão fazer nos arraiaes africanos, nas povoações asiaticas, nos sertões americanos, ou mesmo nas modestas aldeias européas essas carinhas rosadas e gorduchas, feitas para o beijo e a caricia do olhar? Vão dizer em inglez que a manteiga mais pura e saborosa é de tal ou tal fabricante de Londres ou de New-York.

E como a menina tem um bom ar de innocencia, todos os que entendem o que alli está escripto, lhe prestam a maior fé, e os que o não entendem, guardam, por amor dos seus olhos côr do céo, o cartão em que ella vem estampada entre dizeres commerciaes.

Parecia-me a mim, que nesta questão estava tudo feito e explorado, desde as paizagens suggestivas, rotulando latas de leite, onde a vaquinha gorda demonstra

a fertilidade do pasto, até ás folhinhas em que, a par das vantagens das pilulas que preconizam, se desvendam os mysterios dos astros e vem a prophecia de invernos e verões. Enganei-me; a arte do reclamo não pára, vae alargando cada vez mais a sua phantasia.

Agora, com a mesma parcimonia de vocabulos, os senhores fabricantes de graxa, de vernizes, ou de qualquer outra coisa, encontram geito de fallar ao coração das turbas desprevenidas. Que traição! Já não basta o attractivo para a vista, começa tambem o assalto ao sentimento!

Se não, vejamos:

Ha tempos achei sobre a minha mesa de trabalho um livrinho adornado na capa, brochura, com as armas de Inglaterra, Abri-o e folheei-o; só continha retratos de creanças, nada menos de cincoenta e seis phototypias nitidas e bonitas. De quem eram? A pequena introducção do livro explicava tudo em poucas linhas: essas cincoenta e seis creanças, cujos nomes, edade, filiação, morada, etc., vem indicados sob cada retrato, são apresentadas ao mundo como orphãs dos herões da guerra sul-africana, a quem o proprietario de uma farinha qualquer alimenta gratuitamente. E bem

provam as gravuras a efficacia de tal fécula. São gordos, os bebés!

Tenho-os aqui, deante de mim. Que triste galeria esta! A cada pagina que viro, as minhas mãos tremem e alastra-se-me no coração, a par de uma grande indignação, uma piedade dolorida por não ter remedio.

Abre o livro por um pequenino de dez mezes, repimpado na sua cadeira, muito pellado e sério, com vestido de rendas e sapatinhos brancos; depois vem todo o rancho de infortunados, uns ainda de touca, outros em fraldinhas, com as pernas grossas, as mãos papudas, o peitinho gordo; uns de bôca aberta, mostrando no seu riso côr de rosa as gengivas sem dentes, outros de ar pensativo e todos muito galantes e muito sympathicos, como se para isso não bastasse o serem creanças e o serem infelizes.

Olhando para o rostinho redondo da penultima creança do livro, esta formosa Clara Alice Wilson, de dezenove mezes, não haverá quem não imagine que deveria ter voado para ella o pensamento do pae ao expirar o seu ultimo alento na guerra, a que talvez se oppuzessem as suas convicções de homem para só obedecer á sua disciplina de soldado ..

Ora, a caridade d'esse fabricante inglez, que alimenta gratuitamente creanças para exhibil-as ao mundo, em proveito seu, é de uma expressão muito singular e absolutamente nova nos annaes da philanthropia e do annuncio! A patria que lhe agradeça o desvelo que elle demonstra pelos orphãos dos seus heróes! Se a exploração do sentimento continúa d'esta maneira, não nos deixam nada para a litteratura...

Mas não seria por amor d'isso que eu gritaria, mas por outra causa mais respeitavel e delicada. Sempre gostaria de saber com que olhos os senhores do governo da velha Inglaterra olhariam para este album de reclamo, se elle algum dia lhes cahisse sobre a sua mesa, como cahiu sobre a minha, sem eu saber como!

Talvez que levantassem os hombros e nem lessem os nomes dos soldados e dos officiaes, cujas mortes vêm authenticadas sob o retrato de cada orphão; talvez que não ligassem á fileira de rostinhos infantis maior importancia que a que ligam aos gordos frades emborcando cerveja nos cartazes dos *schops*, ou ás dansarinas nos annuncios das tabacarias,—tão acostumados estão ás extravagantes explorações dos seus industriaes; comtudo, á minha ignorancia de mulher sentimental parece que o olhar mudo e innocente d'estas creancinhas revolver-lhes-ia na consciencia maiores reflexões do que todos os discursos das duas camaras...

Realmente, a funebre lembrança d'esta propaganda é de fazer arrepios. Pobres orphãos innocentes! o que eu acredito que elles espalhem pelo mundo não é a fama da farinha que lhes engrossa o leite, e os prepara para

futuras batalhas, mas sim a idéa da injustiça que as fere, o tremendo horror da guerra, que semeia com sangue as mais tristes saudades da terra !

CARTA

«Minha querida.

Venho do circo. Lá ao fundo, na noite escura, em uma baixada do morro, ha ainda um clarão avermelhado rompendo o toldo e as paredes de lona suja, onde a rapaziada do bairro assobia ao rythmo da charanga desafinada. As personagens da pantomima esbordoam-se na ultima scena, fazendo voar as cabelleiras e as longas abas das casacas immundas O povo ri, mas começa a voltar costas ao espectaculo

Vêm já umas lanternas de doceiras tropegas pela encosta, como estrellinhas cançadas. No meio da treva, mal attenuada pelos espaçados lampeões de gaz, diviso as linhas ondeantes do morro, de onde escorre o aroma agreste das plantas, que o relento refresca e activa.

Sinto-me triste; e a placidez da noite silenciosa, acolhe a minh'alma como um seio materno. Nunca a escuridão me pareceu mais dôce; posso mostrar ao céo a amargura da minha face, porque só Deus a vê, e deixar que o desalento do meu espirito se infiltre e transpareça no meu corpo.

Quem ha que não tenha tido, ao menos, uma hora d'essas, em que toda a força vital parece exgottada e não nos resta nem ao menos a vontade de reagir?

A meu lado uma voz falla, como um rumor continuado de agua rolando em pedregulhos baixos. Mal me atrevo a esboçar um gesto com que lhe responda.

Decididamente a tristeza é agente da preguiça!

A ultima bexiga da pantomima deve ter rebentado agora nas costas do estalajadeiro, que era velhaco e sonso. Calou-se a charanga, e o clarão rosado do circo sumiu-se de repente na treva. Augmenta a bulha de passos; ouço uma voz dizendo:

— O palhaço é muito engraçado!

Eu por mim achei-o estupido, repetidor de trapaças antigas, de um rancismo bolorento. Engraxou-se mal, não tocou ao violão e pouco dançou da *chula*. Mas a razão não estaria do meu lado; a razão nunca está do lado da gente triste.

O palhaço devia ter cumprido a sua missão. Lembrei-me de ter visto torcer-se toda, em um accesso de

hilaridade, uma espectadora velha, expondo no auge da expansão o seu unico dente descarnado e longo. Outras caras da archibancada foram surgindo na minha memoria.

Olhar para os espectadores é, em certos espectaculos, o melhor espectaculo, e o unico pittoresco num circo de roça.

O rosto dos velhos tem sobretudo uma candida expressão de deleite, mais demonstrativa de enlevo que os das creanças mesmo. A alegria desabrocha-lhes por entre as gilhas da face e as palpebras franzidas, com o frescor viçoso de flôres em ruinas. Aquella alegria curiosa, que eu invejo, causa-me entretanto uma certa piedade... É a profanação do riso, a abjecção do gosto.. Parece-me que aquellas cozinheiras e operarias que pasmam radiantes para as miserias da arena só se deveriam sentir á vontade em um circo de sedas claras, com festões de lampadas electricas e ramos de violetas em cada camarote.....

Um equilibrista fechava a primeira parte, sustentando maravilhosamente uma penna na ponta do nariz. A vaidade do homem devia ser grande naquelle individuo! Cruzaram-se fardas de belbutina e casacas luctuosas dos ajudantes na arena.

Cerrei as palpebras, aspirei o aroma de meu lenço e fiz de conta que estava vendo a *pompa circensis* com que se precediam os jogos no circo de Maxencio... e a illusão talvez se prolongasse, se uma preta moça e tafula se não lembrasse de roçar pelos meus joelhos, exhalando o cheiro de um raminho de arruda espetado na carapinha. Entonteci ; e logo tudo me pareceu ignobil :

as desafinações da charanga, as pernas grossas das *écuyères* mal calçadas, o ondear das fitas e das tarlatanas baratas, a repetição das sortes tantas vezes vistas, os assobios do povo, os estalos dos chicotes e das bofetadas, o ruido da mastigação de um visinho, que enchia a bocca de mendobi, o fumo dos cigarros, a deficiencia das luzes, e os pregões de um hespanhol maltrapilho annunciando biscoitos.

Restabelecido o equilibrio, notei com surpreza que alguns d'aquellessaltimbancos tinham logrado prender-me a attenção em uma *matinée* do S. Pedro. Sim, era a mesma gente, era o mesmo trabalho. Sómente a atmosphera atravez da qual eu os via era outra.

Não se comia mendobi, mas pastilhas de chocolate; a sala era clara, limpa, e nos camarotes apinhavam-se creanças lavadas e cheirosas. Nesse dia os artistas tinham trabalhado bem, pareceram-me até pessôas de qualidade, que vinham por excepcional obsequio divertir a gente.....

Para penitencia relembro uma pagina de Tolstoï, sinto sobre o meu hombro fraco a sua mão pesada e como que o seu espirito sussurra ao meu:

— A alegria e a verdade estão neste barracão armado á pressa, como uma tenda de campanha, para a cambalhota e as miserias mal disfarçadas.

Sedas? flôres? luzes electricas! são phantasias para gente de casaca, que não sabe rir. Só a gente rude conserva frescura e sensibilidade de alma. Os unicos velhos que têm riso gostoso são os ignorantes. . Vae-te embora.

E eu vim-me embora, pensando nessas coisas quando, eis passa por mim um medico illustrado a quem ouço dizer:

— Pois senhores, o palhaço tem graça!

A opinião dos homens confunde-me. O homem, pelo simples motivo de ser homem, está determinado que tenha de tudo uma visão mais positiva, mais clara e mais perfeita do que a minha. Relembro a scena principal do clown:

Um sujeito de casaca e de chicote dá-lhe a incumbencia de levar um embrulho de dôces a certa moça.....

Procuro fixar o resto: não posso. foge-me a idéa para outro assumpto.

O céo está estrellado, o ar dôce, o aroma das ma-

gnolias sae dos jardins e envolve-me toda, como uma tunica invisivel, que dá á minha alma uma pureza de Vestal.

Pyrilampos salpicam o ar de fulgurantes esmeraldas viajoras. Chego ao alto e volto a vista para o local do circo: tudo em trevas; a noite como que suspira de allivio.

Passa-me ainda uma vez pelo espirito o romance explorado pelos velhos contistas: o riso agudo do palhaço que se rebola na arena e que se trasmuda em soluços quando nos intervallos se atira sobre o corpo moribundo do filho; as sovas nas creanças roubadas, nos estudos da acrobacia, e o pudor das *écuyères*, virgens e recatadas.

Para mim, todo o palhaço tem sempre no bastidor um filho moribundo e todas as creanças signaes de pancada sob os *maillots* rosados.

E é talvez por isso que este circo de roça, grotesco, e em que as miserias se mostram tanto a nú, não consegue divertir-me nem dissipar-me a tristeza.

Á hora em que vou chegando a casa, está o palhaço, e estão os seus companheiros refazendo as forças com o bife e o vinho da ceia, e rindo-se, ainda por cima, porque a féria foi bôa.

Entretanto, (oh! prodigios da imaginação enfeitiçada pelos romancistas!) como que distingo no ar, lá muito perto do céo, o senhor *clown* enfarinhado e choroso sustentando nos braços um filhinho morto!

E como são horas de dormir, digo-te adeus!»

Tua

FRANCISCA

BRUTOS!

D'aqui a umas largas dezenas de annos, quem fôr amigo de lêr chronicas d'este seculo XX, que despontou com aspirações de paz universal e bondades aperfeiçoadoras do coração humano, poderá dizer que nestes dias houve um rei, que por amor da sua dama quebrou as mais rijas lanças. Para conquistal-a, expulsou elle o seu real pae e senhor, deportando-o para fóra do reino, onde o misero morreu sem amigos, no desamparo da ingratidão... Para colher dos labios d'ella a cheirosa flôr do beijo, houve o rei de arcar com a basta chusma dos preconceitos da época. A pobre não era de sangue real, e por isso, mal estimada pelos subditos da enfeitiçada magestade, todos se oppunham a que o

rei se unisse áquella mulher, que nem era moça como Julieta, nem era portadora de um titulo de princeza, como Cordelia.

Por sua parte a imprudente, fascinada pelo prestigio d'aquelle homem, caminhava para elle como a fina agulha de aço para um grande pedaço de iman. As mulheres não se emendam, e tanto mais amam quanto menos devem amar. Com o perigo, augmentava o encanto da paixão. *Não amar, quando se recebeu do céo uma alma feita para o amor, é privar-se, a si e a outrem, de uma grande felicidade. Seria como uma laranjeira que não florescesse com medo de peccar,* — como dizia Stendhal, um escriptor de então... É verdade que em paginas adeante elle accrescentava, em outras conclusões : *a firmeza de uma mulher que resiste ao seu amor, é a coisa mais admiravel que póde existir na terra ; todas as outras provas possiveis de coragem são bagatelas ao pé d'esta, tão forte e tão penosa.*

Raciocinando a dama que esses heroismos são bons para os livros, e que, sendo a missão da mulher obedecer á natureza, mais lhe quadrava a allegoria da laranjeira, assim fez, como devia, a vontade ao seu sentimento e ao seu rei : casou com elle.

Desditosa ! o povo, que já não a via com bons olhos, entrou a aborrecel-a. Para que todas as antipathias chovessem sobre a sua cabeça fraca, o velho rei exilado, homem que fôra sempre de amores ephemeros e costumes faceis, morreu longe da patria, e logo começaram a dizer que elle se finára de paixão, resentido d'aquelle filho ingrato, e que a culpada de tudo era a rainha, que por não ser de estirpe real não devia me-

recer o amor de um rei. Teceram logo uma trama de enredos e falsidades, dizendo que ella mentia á sua religião e á sua consciencia. O beijo do amor não a fecundára, e na sua murcha esterilidade ella divulgava um sonho que embevecia a côrte e o rei.

O sonho da maternidade.

Gente do palacio, muito embusteira, inventou logo que a rainha simularia um parto, vindo uma creança extranha occupar no berço principesco o logar que só deveria competir ao filho do soberano... Intriga foi esta que se espalhou por toda a nação e transbordou para paizes alheios e terras de além mar. E, como formiguinhas, iam as perfidias entrando pelos ouvidos do rei...

No seu grande palacio sumptuoso vivia a misera rainha desconfiada, sem se poder lavar das maculas que lhe attribuiam. Assim, a flôr da sua belleza outomniça enlanguescia, e o rei, aturdido, cheio das queixas dos vassalos, que lamentavam a morte de um rei que nunca tinham amado, só por acinte á rainha intrusa, cahiu em acreditar que a esposa só o quizera por vaidade e ambição de reinar. Por isso, quanto mais ella se debulhava em pranto, mais elle se enfastiava d'ella, que sempre as lagrimas foram causa de aborrecimento aos olhos dos maridos. Todo o seu grande affecto se tornou depressa em ogerisa, que tambem do pae naturalmente herdára uma certa inconstancia no amor; e vêr sempre os mesmos olhos, de mais a mais queixosos, não lhe sabia bem.

Correram mezes nesse desagrado, até que um dia, em pleno palacio, a macia e régia mão de um rei da culta Europa cahiu com bruteza sobre a pallida face de uma rainha.

No triumpho da alegria correram damas de honor e fieis criados de el-rei a soprar aos quatro ventos aquella ignominia, rindo da triste rainha offendida.

Esta, humilhada, quiz matar-se; mas não a deixa-

ram acabar com a vida, guardando-a dia e noite de perto, com os olhos arregalados e as unhas afiadas.

Os vendavaes desnudam as mais floridas laranjeiras; a alma da rainha já não tinha perfumes, só tinha espinhos; e o rei, por onde andasse, lá ouvia o echo das canções maliciosas das ruas e dos theatros, em que se dizia a aventura de uma mulher que só se unira a um rei pela vaidade e o desejo de reinar...

Entendiam no seculo XX que o Amor devia viver encarcerado, e ainda com muitos sellos nas portas e nas janellas gradeadas, que lhe attestassem a legalidade. De modo que, quando cansado da reclusão, elle quizesse fugir, teria de debater-se e deixar na cadeia o sangue de seu corpo e ás pennas de suas azas.

Elle arrependido, ella resignada, parecia até que tinham voltado a amar-se, foram uma alta noite surprehendidos no seu castello por uma immensa horda de assassinos, que arrombando portas, derrubando sentinellas, alcançou-os a ambos e os matou sem dó...

Não fosse elle fraco; não fosse ella ambiciosa...

*
* *

Dirá mais coisas a lenda do rei da Servia, tratando com injustiça a pobre Draga, sua mulher, só porque não tinha nas veias sangue real.

Outra lenda, sua contemporanea, provará d'aqui a uma centena de annos, que as mulheres, mesmo rainhas, não tinham no começo d'este seculo XX as prerogativas que hão de ter então. Esta será talvez em fórma de balada. Uma soberana moça, de perfil dôce, ele-

vando ao seu throno um principe extrangeiro, recebeu d'elle a mesma injuria que a pobre Draga, do seu real senhor! Sómente, á dòr da linda Guilhermina acudiu chorando todo o seu povo. Emquanto que á outra...

O que pensarem d'este nosso tempo os futuros commentadores da historia, parecer-se-á de perto com o que pensamos das velhas edades, em que esposos ciumentos prendiam pelas tranças ao ferrolho dos seus castellos as esposas ultrajadas pelo seu ciume.

E então, como hoje, a queixa ouvida e que perdure pela sua sinceridade, será a exhalada pelos labios femininos...

Michelet, que tão bem penetrou no coração da mulher, escreveu em *L'Amour*:

« Os insectos e os peixes são mudos; o passaro canta, querendo articular; o homem tem a linguagem distincta, a palavra clara e luminosa, o verbo limpido. Mas a mulher, acima do verbo do homem e do canto do passaro, tem uma linguagem magica com que intercala esse verbo ou esse canto; o anhelo, o suspiro apaixonado. »

Feita para o amor, ella é o ser mais sensivel do universo. Toda ella vibra ás blandicias ou ás crueldades d'aquelle que entre todos os homens escolheu e a quem não sabe fazer comprehender a sua paixão, porque as suas expressões são apenas balbucios com que interrompe os gorgeios da sua alegria ou os temores do seu raciocinio. Elle, que passa, pune, mata ou esquece; que olha para ella como o jequetibá para a roseira, do alto da sua superioridade e da sua grandeza, não percebe que, na sua humildade dôce, a voz da mulher,

como o perfume das rosas, póde chegar muito mais alto, até ao céo, que só se abre para a sinceridade dos sentimentos grandes e verdadeiros!

E é por não a comprehender que ainda um ou outro a brutaliza.

Ainda não ha muitos annos uma pobre rainha asiatica sentiu no rosto a pesada valentia da mão de seu marido. Como no palacio da Servia, o mesmo alvoroço no da China.

A pressa com que o telegrapho annuncia ao mundo estas miserias!

Mas o que não deixaram fazer a Draga, consentiram que fizesse a imperatriz chineza. Matou-se.

Afigura-se-nos que uma imperatriz, mesmo da China, deve olhar para todo o seu povo, não com a doçura com que um pastor olha para o seu rebanho, mas com fria altivez e soberana indifferença. Ella está alli, no throno brilhante e forte, para que a vejam e para que a amem. Não querendo deixar penetrar os seus pensamentos, torna-se impassivel e austera; sentindo em cada beijo a baba da adulação, começa a desgostar-se da humanidade e a ter repugnancia dos cortezãos mentirosos. Os seus pensamentos devem ser extranhos, bem analysados, sentidos com intelligencia. Nós não comprehendemos as rainhas senão assim. Uma imperatriz que ame o marido, que discuta com vivacidade, que o censure com paixão, e que (santo e misericordioso Deus, como isto até custa a escrever!) leve d'elle pancada... uma rainha que, em vez do cynismo de salvaguardar apparencias para que o seu povo a julgue invulneravel; encontra rancor no peito e sangue vivo nas veias, para

acabar com a vida, vingando a offensa recebida, é digna de figurar na galeria feminina dos ultimos tempos, como um dos mais interessantes typos de mulher.

A verdade é que não é supportavel a idéa de que um homem, seja elle quem fôr, possa levantar a mão para uma mulher, seja *ella quem fôr tambem*.

Se elle se julga e se proclama o forte, o senhor dominador e poderoso, deve encontrar na palavra todo o fel da censura, sem se rebaixar num aviltamento que o amesquinha. É melhor matar do que bater. Uma mulher apunhalada poderá perdoar, mas uma mulher esbofeteada, nunca!

Lá ficará sempre o resentimento, quando não fique immediatamente o nojo, ou não haja a coragem da vingança.

Dizem por ahi que as mulheres que apanham pancada são as que mais amam... Não acrediteis! A mulher descida a essa ignominia é incapaz de tudo. É preciso que se comprehenda bem, que afinal de contas os mesmos ramos de veias que fazem circular no corpo do homem o sangue que os altera, fazem nascer na mulher os mesmos desejos, as mesmas violencias. Somos mais tenazes,

talvez, mais frias no amor, mas mais excessivas no odio.

O exemplo do imperador da China levou tempo a medrar, mas medrou e desponta na velha Europa civilisada, em velhos thronos de ouro e purpura, que dão norma ao povo, como uma lei de justiça e um direito da força indiscutivel.

Dizem que a mulher do povo gosta do amor cruel, que a brutalize; se assim é, que bons maridos e que magnificos trabalhadores de enxada se perderam naquelles regios senhores coroados!

Balladas e lendas d'estas rainhas, nossas contemporaneas, attrahirão a maguada sympathia de outras mulheres que, chegado o tempo do amor, do céo azul e do sol doirado, se vejam, como laranjeiras floridas, cobertas de illusões!

O ULTIMO SONHO DA RAINHA

«THERE is no one near me to call me Victoria, now ».

Em toda a extensa biographia da rainha da Inglaterra, *a bem amada*, que os jornaes do mundo inteiro publicaram na occasião da sua morte, em lamentosa necrologia, nenhuma phrase ha talvez que mais justamente revele a mulher, do que esta, com que ella chorou a sua viuvez :

— « Agora já não tenho ninguem a meu lado para me chamar Victoria. »

O seu nome, isolado de toda a cerimonia, proferido de egual para egual, nunca mais soaria aos seus ouvidos, na intimidade franca do amor.

A morte egualitaria e justa sellava na bocca do prin-

cipe o nome da mulher, ficando só para a Vida o da magestade.

Rainha! não ser mais que rainha, é pouco. Mãe? Não basta. Filhos e subditos têm pela soberana prestigiosa o mesmo respeito incondicional, a mesma obediencia passiva.

Ella sente, na sua viuvez, não só a falta do amigo, mas a da sua propria personalidade humana.

Havia uma voz só, entre tantissimas vozes, que a tratava como a companheira de jornada, a confidente, a alma irmã, a creatura filha de Deus, sujeita ao erro, domavel ao conselho, com as qualidades e os defeitos inherentes aos mais; havia só uma voz que lhe lembrava que ella era uma mulher como as outras mulheres, affectiva, nascida para o goso e para o soffrimento, e que o seu papel na Vida, sahia todo do coração.

Dizer sómente: Victoria, era o mesmo que significar, aos seus ouvidos aturdidos de honrarias e lisonjas confusas: — « Para mim tu és mais do que a soberana, a poderosa Rainha da Inglaterra e Imperatriz de todas as Indias; tu és a Mulher, creada á minha semelhança, para companheira da minha existencia, bonança dos meus dias, e bençam da minha prole. Nasceste para mim; somos eguaes, amemo-nos! »

Percebo a sensação de isolamento que a rainha havia de sentir, quando, olhando em torno, só visse cabeças curvadas deante dos seus olhos interrogativos, e joelhos vergados nos degraus do seu throno.

A unica voz que a tratava por tu, extinguira-se; e só então ella percebeu como essa expressão de egualdade e de intimidade é dôce...

Todas as suas confidencias se voltam para o seu diario.

É preciso abrir uma valvula ao sentimento, — e escreve. É tambem a unica maneira que ella tem de se fazer lembrar a si mesma que ella é — Victoria — a mulher de carne e osso, da mesma especie, portanto, que as pobres camponezas que andam pelos campos ceifando, e vão á tarde para as pontes e as cercas tagarellar com os noivos. Este livro é como que uma janella aberta numa prisão.

Eu gostaria de lêl-o, certa de que elle será um excellente estudo de uma alma, revelação de uma tortura desconhecida e nobre, cuja interpretação é esta : a ancia de uma rainha por ser antes, e mais que tudo — a Mulher.

Em toda a sua biographia só entrevi, talvez mal, um traço ligeiro de vaidade. Sua Magestade Britannica, offerecendo o seu *jornal* ao grande romancista Dickens escreveu :

« *Como o dom de um dos mais humildes escriptores, ao maior de todos.* »

Talvez que este livro expontaneo, espelho de uma alma em toda a sua intimidade, dê direito ao titulo que a rainha se arrogou.

Que observações finas e curiosas teriam essas paginas commentadoras de actos e de personagens da Côrte, se a mão da soberana, trocando o sceptro pela penna, a empunhasse, não como derivativo de saudade amarga, mas como um instrumento que tudo revolve em busca da Verdade!

O livro de uma rainha tem de ser nublado pelos pre-

conceitos e as conveniencias. Muitas linhas teriam sido riscadas, quando, deixando de ser album intimo, esse confidente discreto passou a ser livro publicado.

Todavia, o que naturalmente o torna encantador, é a sua essencia, a expansão ingenua da felicidade ao alcance de qualquer...

Talvez tivesse sido esse o segredo da popularidade da rainha. O povo ama os simples e reverencia, sobre todas, as qualidades do coração.

Não tardará que essas virtudes decantadas, atravessem contos inglezes e canções idylicas, como embryão de formosas e futuras lendas. O tocante episodio da offerta de um brinquedo á filha de um camponez, annos depois de feita a promessa, interrompida por viagens e altas preoccupações de estado, servirá de assumpto magnifico para historias do Natal, em que as creanças que hão de vir, antes de conhecer a rainha da Historia, comecem a amar a mulher do conto...

Assim, a *rainha bem amada*, surgirá em varias paginas, conduzida pelas mãos d'aquelle a quem ella se associou, chamando-se escriptora.

Eu quizera, sempre a exigencia da perfeição! que,

para a apotheóse de tão clara e amorosa existencia, a velha Rainha da Inglaterra e Imperatriz das Indias, soerguendo-se no leito de morte, com o esforço supremo da sua vontade soberana, tivesse pedido aos seus ministros e ao novo rei, seu filho, a terminação da guerra sul-africana.

Dizem que do mal d'esta guerra se finou a velha senhora. Quero crêl-o ; e só assim concebo a suavidade da sua morte.

A dôr, que não pôde ser expressa, por conveniencias e por orgulhos de Estado, e que ficou abafada no ultimo suspiro, deve vibrar agora como um remorso na consciencia dos que a provocaram.

Triste, o brilhante destino dos reis, que nem os deixa morrer como os demais christãos : perdoando !

A alma da rainha-imperatriz muito se mostrára ao seu povo para que elle não a conhecesse. Com a percepção aguda do instincto, elle lê nella como em um livro : por isso affirma que era infinito o desgosto da sua soberana ao fechar os olhos para o ultimo somno.

Era infinito o seu desgosto ; mas, se em vez de oitenta annos a Rainha Victoria tivesse quarenta, teria sabido morrer de outra maneira.

Então, o rumor surdo das armas em combate, descançando no solo ainda fumegante da batalha, soaria mais alto que todas as orações e que todos os sinos das abbadias e das cathedraes. Esse devia ter sido o ultimo sonho da Rainha.

Advinhando-o, todo o seu povo se cobre de lucto sincero, os jardins do Reino despojam-se das suas flôres, e as viuvas e os orphãos não a amaldiçoam.

As virtudes altissimas do seu espirito e do seu caracter são mencionadas em todas as linguas da Terra; o telegrapho espalha o seu nome pelo mundo inteiro, e ha em todo este movimento um respeito singular e profundo pela mulher cujo conselho, cuja prudencia e cujo acerto, desenvolveram, ampararam e enriqueceram a mais poderosa nação do Globo, e que, afinal, morre calada e triste, por não poder realizar o seu ultimo sonho!

PREDESTINAÇÃO!

QUANTOS e quantos dias se passaram depois d'aquelle em que a mão divina de Shakespeare escreveu no seu immorredouro Hamlet :

> « There are things in heaven and hearth, Horatio,
> Than are dreamt of in your philosophy. »

E ainda hoje, como talvez d'aqui a um longuissimo ámanhã, se continúa a sentir o mesmo que o principe

da Dinamarca affirmava ao amigo : que ha coisas no céo e na terra que não são suspeitadas pela philosophia....

Por mais que as sciencias victoriosas dêm ao homem moderno uma idéa positiva da vida, elle sente-se acorrentado por um dôce phantasma ao mundo invisivel que abre á sua imaginação inquieta perspectivas infinitas. O mais independente e, quiçá mais feliz, que tudo nega, lá encontra um dia no seu caminho uma interrogação a que não sabe responder e que o obriga a levantar os olhos com espanto.

Uma crença que nasce, uma visão que passa, um presentimento, um aceno do nada, um sopro, bastam para ligar muita vez, mesmo que momentaneamente, o espirito mais livre ao singular encanto do mysterio. De resto, não ha quem não conte, ainda que vagamente, com o auxilio da sorte, o que é ainda acreditar nas determinações do desconhecido, certos como estamos que nem tudo dependerá nunca de nós mesmos. O — « se Deus quizer », — que é para os déistas uma formula sem contestação, não deixa de ter na bôca dos atheus uma significação, inexplicavel, mas sincera.

Toda a gente conta com uma força superior que vae regendo os destinos humanos, impassivelmente, atravez dos seculos, e de que se emana todo o bem e todo o mal da nossa alma.

Haverá quem viva na terra só pela terra, sem outra preoccupação que a da hora porque está passando e o trabalho sobre que está curvado? Não conhecendo o embalamento da esperança amiga, a mais perceptivel das creações sonhadas, como poderá esse ente archi-

tectar os castellos em que nos abrigamos nos momentos de susto ou de enfado? Sem o mundo irreal, já não me lembro quem perguntou, não seria insupportavel o mundo visivel? E para que nos cançarmos procurando em vão, sempre em vão, adivinhar o que nos parece apenas presentir?

Para esta fome da alma, nunca satisfeita, nunca apaziguada, nasceram as religiões, que se transformam mas não acabam, e que ainda assim não bastam, visto que mesmo os homens mais religiosos não são alheios á superstição.

Fatalidade! eis a palavra que sem explicar nada tudo explica, e é como que um grande manto de clemencia atirado sobre todos os crimes e todas as obsessões.

Um dia entrou-me em casa um cavalheiro de cabellos brancos e mãos tremulas, cansadas do trabalho bemdicto de apontar ás creanças as lettras do A B C.

Deve ser conhecido ahi pela cidade; tem setenta annos, ainda moureja, e passou toda sua vida clareando o espirito dos analphabetos. Ahi está um trabalho!

Quando o vi entrar, por elle ser velhinho dei-lhe a melhor cadeira, e como sou da raça dos que amam ouvir historias, prestei-me a ouvir a sua.

Têm reparado? Para os velhos não ha prazer comparavel ao de contar a sua vida. Relembrando as horas rapidissimas do prazer, ou as lentas da agonia, luzem-lhes nas pupillas, atravez da nevoa da velhice, que com mais acerto se deveria chamar — nevoeiro da saudade — uma claridade branda, de primavera.

É uma ternura, um rejuvenescimento da alma, que

attestam, mais que tudo, como a vida é bôa e amada! O carinho com que são lembrados os dias da mocidade, tão passageira, tão fugitiva!

« Sou um predestinado, dizia-me elle; não acredita na predestinação? Sete vezes o fogo reduziu a cinzas

os meus haveres e me deixou nú, quasi a pedir esmolas! Nasci para reagir... »

Na primeira vez, contou-me, elle ainda era moço quando um incendio lhe devorou o negocio. Forte e sereno, levantou os hombros e disse — Paciencia!

No dia immediato ao do desastre recomeçou a trabalhar para reconstruir o que as labaredas tinham desfeito. Pouco a pouco, com economia e ambição de fortuna, angariou alguns contos de réis. Casou então, teve um filho, e quando maior numero de promessas lhe fazia o futuro, veio outro incendio que lhe levou até o berço do filhinho.

Mas elle ainda era moço e tinha confiança em si — Paciencia! — murmurou ainda, e recomeçou na canceira.

Não me lembram as minucias do drama em que esse novo Job cavou e perdeu successivamente sete fortunazinhas, duramente adquiridas. O que me impressionou não foi isso; á força de lêr e de ouvir miserias vae a gente ficando preparada para as mais dolorosas confidencias. O que me deu uma sensação de novidade foi este desfecho, contado com simplicidade e tristeza:

« Depois do setimo incendio, fiquei sem ter que vestir. A mulher tinha morrido, o filho estava fóra. Um vizinho, condoído, deu-me umas roupas e dinheiro para um par de botinas, visto que eu nunca me acostumára a andar descalço e as que trazia estavam em misero estado.

Fui ao meu velho sapateiro, unico homem que sabia ageitar o couro nos meus pés doloridos; fiz-lhe a

encommenda, paguei-lh'a e voltei resignado para o canto de emprestimo em que eu descansava os ossos magoadissimos.

Estava cansado, mas não desanimado; mais uns dias de repouso, embora poucos, e eu voltaria para o cepo a recomeçar a vida pela oitava vez!

Uma manhã, appellando para toda a minha energia de homem, desci á cidade a trabalhar para o ultimo filho que me restava. Havia ainda alguem que precisava da minha coragem e da minha força, e esse alguem seria servido.

Para apresentar-me no emprego era mister que eu fosse antes calçar as botinas novas; dirigi-me para a sapataria e encontrei-a transformada em um montão de cinzas: ardera toda na vespera; só havia de pé uns restos de paredes e humbraes carbonizados! Minha surpreza foi tamanha, que não cria nos meus olhos; e eu, que já sete vezes tinha visto destruida pelo fogo a minha propriedade, ganha com tanto esforço e tanto sacrificio; eu, que por causa de incendios passára por humilhações e trabalhos sem conta, sempre com uma resignação que nem sei de onde me vinha, por amor d'aquelle par de botinas succumbi e, pela primeira vez, chorei como uma creança!

Percebi então claramente que em vão luctaria contra o meu destino. Agora, já serenado, espero o oitavo incendio, que consumirá os meus ossos e purificará a minha carne. »

Assim fallou o velho de barbas brancas e mãos tremulas, que tão vivamente me trazia á lembrança o experimentado varão da terra de Hus. Job, tosquiando

a cabeça e rasgando os vestidos, sentou-se num monturo a raspar com um caco de telha a immundicie do corpo, em servidão espontanea aos mandados de Deus. Este novo Job, comquanto certo de uma perseguição mysteriosa que o ha de vencer, lucta, trabalha com pertinacia, e ainda se chega para onde ouve fallar em creancinhas, com o sentido de ensinal-as a lêr!

« Emquanto se vive trabalha-se », resumiu elle ao despedir-se de mim.

Sim; agora, como nos tempos antigos, ha coisas no céo e na terra que não são nem sequer sonhadas pela philosophia; mas a verdade é que a maneira de gosar ou de soffrer a influencia d'essas coisas impenetraveis, é hoje, ainda bem para nós todos, muito differente da dos dias de Job!

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

Parte do programma referido no capitulo das Flòres foi realisado pela Associação das Creanças Brasileiras na sua exposição de Flòres de 1903.